

A Arquitetura Paisagista na primeira metade do século XX – os Pioneiros do Modernismo Europeu

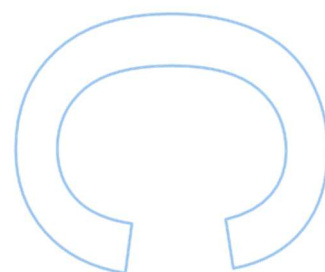
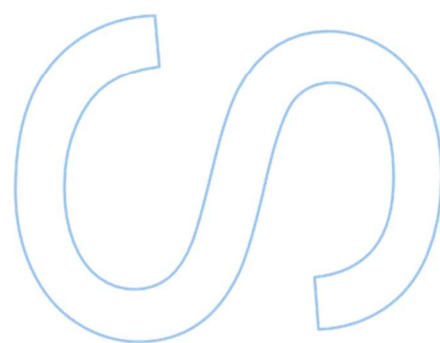
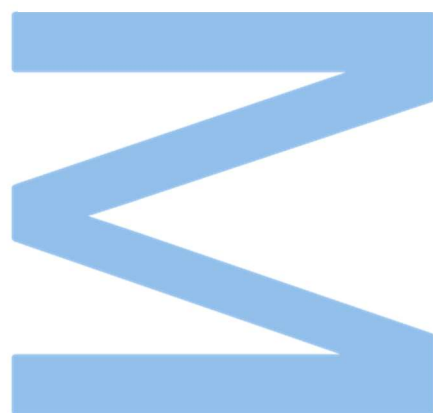
Diogo Afonso Pinto Lopes

Mestrado em Arquitetura Paisagista

Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento de Território

Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

2025



A Arquitetura Paisagista na primeira metade do século XX – os Pioneiros do Modernismo Europeu

Diogo Afonso Pinto Lopes

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Arquitetura

Paisagista

Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território
2025

Orientador

Teresa Portela Marques, Professora Associada, FCUP

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço profundamente à minha família, que sempre serviram de porto seguro e casa. Em especial aos meus pais, pelo apoio e amor incondicional, paciência e incentivo em todas as etapas da minha vida académica e pessoal. E também aos meus primos, pela amizade, companheirismo e pelos momentos de descontração que me ajudaram a manter o equilíbrio ao longo desta jornada. Foram fundamentais para que eu mantivesse o foco.

Agradeço também aos meus amigos, que foram fonte constante de inspiração, competição e gargalhadas. A sua presença nos longos dias e noites de trabalho ajudaram a amenizar o stress da faculdade.

Por fim, expresso a minha sincera gratidão à professora Teresa Marques e ao professor David Campos, cuja orientação, disponibilidade e saber foram indispensáveis para a concretização deste trabalho. A ambos agradeço o entusiasmo na partilha do gosto pela História e a amizade.

Resumo

Esta dissertação analisa o desenvolvimento da Arquitetura Paisagista na Europa durante a primeira metade do século XX, com foco no período Entreguerras (1918-1939) e nos principais pioneiros do Modernismo. A investigação consistiu na recolha, seleção e organização cronológica de eventos, publicações e projetos relevantes em diversos países europeus, contextualizando-os nas respetivas realidades geopolíticas e socioeconómicas. O trabalho compara experiências da Alemanha, Dinamarca, França, Reino Unido, Noruega, Suécia e outros exemplos, identificando influências cruzadas, redes de difusão de ideias e contributos de figuras-chave para a consolidação da disciplina. Esta abordagem permite compreender de que modo os princípios modernistas moldaram a prática paisagista europeia e lançaram as bases para o desenvolvimento da Arquitetura Paisagista em Portugal.

Palavras-chave

Arquitetura Paisagista, Modernismo, Pioneiros, Período Entreguerras, Século XX, Eventos, Publicações, Projetos.

Abstract

This dissertation analyses the development of Landscape Architecture in Europe during the first half of the 20th century, focusing on the interwar period (1918–1939) and the main pioneers of Modernism. The research consisted of collecting, selecting and chronologically organising relevant events, publications and projects in various European countries, and contextualising them within their respective geopolitical and socio-economic realities. The work compares experiences from Germany, Denmark, France, the United Kingdom, Norway, Sweden and other examples, identifying cross-influences, networks for the dissemination of ideas and contributions from key figures to the consolidation of the discipline. This approach allows us to understand how modernist principles shaped European landscape practice and laid the foundations for the development of Landscape Architecture in Portugal.

Keywords

Landscape Architecture, Modernism, Pioneers, Interwar Period, 20th Century, Events, Publications, Projects.

Índice

Lista de Tabelas	viii
Lista de Figuras	ix
Introdução.....	1
Enquadramento, justificação do tema e objetivos.....	1
A Arquitetura Paisagista e o Modernismo.....	2
Metodologia	4
Alemanha	5
Contexto geopolítico e socioeconómico	5
Análise e síntese da informação recolhida:	6
Conclusão	12
Dinamarca	14
Contexto geopolítico e socioeconómico	14
Análise e síntese da informação recolhida:	15
Conclusão	21
França	23
Contexto geopolítico e socioeconómico	23
Análise e síntese da informação recolhida	23
Conclusão	28
Reino Unido.....	30
Contexto geopolítico e socioeconómico	30
Análise e síntese da informação recolhida	30
Conclusão	35
Noruega.....	37
Contexto geopolítico e socioeconómico	37
Análise e síntese da informação recolhida	37
Conclusão	42
Suécia	44

Contexto geopolítico e socioeconómico	44
Análise e síntese da informação recolhida	44
Conclusão	49
Outros Exemplos	51
Bélgica	51
Países Baixos	53
Itália	55
Conclusão Final	58
Referências Bibliográficas	59

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Cronologia da Alemanha.....	13
Tabela 2 - Cronologia da Dinamarca	22
Tabela 3 - Cronologia da França	29
Tabela 4 - Cronologia do Reino Unido	36
Tabela 5 - Cronologia da Noruega	43
Tabela 6 - Cronologia da Suécia.....	50
Tabela 7 - Cronologia com Outros Exemplos.....	57

Lista de Figuras

Fig. 1 - Planta do jardim Lurcat (canto superior esquerdo), contraproposta de Wilhelm Hübotter (canto superior direito) e esboço do jardim Hübotter (parte inferior), Versalhes, (Die Gartenkunst, 1930, p. 106) fonte: Wolschke-Bulmahn, Müller & Fibich (2006)	3
Fig. 2 - Festival da Bauhaus em Weimar, 29 de novembro de 1924 (Arquivo da Empresa Wichmann-Gruppe, Celle) fonte: Goto (2023)	6
Fig. 3 - Capa do livro "O Jardim Florido do Futuro" de 1917 de Karl Foerster fonte: Arquivo/Fundação Marianne Foerster	7
Fig. 4 - Capa do livro "O jardim de pedras das sete estações ao sol e à sombra" de 1936 de Karl Foerster fonte: Arquivo/Fundação Marianne Foerster	7
Fig. 5 - Círculo de Bornim no jardim residencial de Karl Foerster, 1960s fonte: Arquivo/Fundação Marianne Foerster	8
Fig. 6 - Jardim Dr. Baensch, 1934 - Parceria Foerster, Mattern e Hammerbacher fonte: Architekturmuseum der TU Berlin, Inv. No. 25409	9
Fig. 7 - Plano Geral e Plano de Plantação para um jardim residencial, Heinz Wichmann, 1924 fonte: Goto (2023)	9
Fig. 8 - Plano Geral de Migge 1926 fonte: Hufeisensiedlung.info	10
Fig. 9 - Hufeisensiedlung: Foto aérea de A. Savin, 2017 fonte: wikiarquitectura.com	10
Fig. 10 - Fotografia aérea do Knarrbergsiedlung em Ziebgik, circa 1927 fonte: Institut für Landschaft und Urbanismus. (2023)	10
Fig. 11 - Secção da Autobahn entre Frankfurt e Kassel, mostra as curvas que acompanham o terreno e a plantação de espécies nativas no separador central. Crowe – The Landscape of Roads, 1960: figura 72 fonte: Imbert (2020)	11
Fig. 12 - Jardins de moradia geminada, esboço, Georg Georgsen, 1923 fonte: Hjem/Billeder/Samlinger/KUBFrederiksbergs arkiv/Landskabsarkitekturtegninger/Georg Georgsen	15
Fig. 13 - Erna Sonne Friis no seu jardim residencial em Lellinge Skovridergård, 1948 fonte: Lund (2023)	16
Fig. 14 - Fingerplanen, 1947 fonte: danishdesignreview.com	17
Fig. 15 - Algumas campas no cemitério de Mariebjerg, foto de Joost Emmerik fonte: thelandscapewithinthegarden.com	18
Fig. 16 - Perfil e Plano Geral do jardim pessoal de Brandt, 1914 fonte: danishdesignreview.com	18
Fig. 17 - Jardim 100% verde; duas variantes. G. N. Brandt, por volta de 1927. O plano à esquerda apresenta canteiros de flores no relvado e o da direita, a vegetação em	

camadas. Wasmuths Monatshefte für Baukunst und Städtebau (abril 1930) fonte: Imbert (2009)	19
Fig. 18 – Estudantes no auditório relvado do Campus Universitário de Arhus fonte: cfmøller.com	19
Fig. 19 - Vista aérea do auditório relvado do Campus Universitário de Arhus fonte: cfmøller.com	19
Fig. 20 - Vista do Campus Universitário de Arhus fonte: cfmøller.com	20
Fig. 21 – Junk Playground em Emdrup, inaugurado por Sørensen, foto: SVEN TÜRCK / VISDA fonte: Bozkurt (2019).....	20
Fig. 22 - Projeto de jardim para uma família de artistas, Achille Duchêne, circa 1927; O helicóptero no topo do telhado da moradia acrescenta um toque de modernidade à disposição classicamente formal. Duchêne, Jardins de l'avenir fonte: Imbert (2009)	24
Fig. 23 - Vista das estufas da École nationale d'Horticulture de Versailles, século XIX fonte: magazine.hortus-focus.fr.....	25
Fig. 24 - Ville Radieuse, 1930 fonte: FLC/ADAGP	26
Fig. 25 - Projeto do Jardim Tachard, Legrain 1924 fonte: Tonini (2013).....	27
Fig. 26 - Foto do Jardim Tachard, Legrain, 1924 fonte: Treib (1994), como visto em Tonini (2013)	27
Fig. 27 – Capa da revista Jardinage, 1920 contendo uma foto autocromática de um jardim de um artista em maio. Propriedade de Claude Monet fonte: Viraben (2020).	28
Fig. 28 - Capa da revista Jardinage fonte: jardinsdefrance.org.	28
Fig. 29 - The Architectural Review, 1926 fonte: abebooks.com.....	31
Fig. 30 - Journal of The Royal Horticultural Society, 1932 fonte: mikeparkbooks.com.	31
Fig. 31 - Imagem do livro The art and craft of garden making Thomas Mawson, 1900 fonte: archive.org	32
Fig. 32 - O caveman restaurant em Cheddar Gorge, Jellicoe and Russell Page, 1936 fonte: gardenvisit.com.....	33
Fig. 33 - Cartão de visita de Colvin, Brenda Colvin Collection fonte: merl.reading.ac.uk	33
Fig. 34 - Plano Geral da Bentley Wood House, Tunnard, 1936 fonte: gardenvisit.com	34
Fig. 35 - Esboço da Bentley Wood House, Tunnard, 1938, onde se observa plantações de flores silvestres fonte: thebcreview.ca	35
Fig. 36 - Plano Diretor de Oslo, 1929 fonte: nmbu.no	38

Fig. 37 - As “artérias verdes” de Røhne, adaptadas pelo departamento de planeamento em 1949 fonte: Jørgensen (2018).....	38
Fig. 38 - Olav L. Moen: Lema: «bem-estar no trabalho», rascunho para o Idékonkurransen om gode bondehager, 1939 fonte: Dietze-Schirdewahn (2018)	39
Fig. 39 – Exemplos de esboços de estudantes, 1930-1960 fonte: Dietze-Schirdewahn (2018).....	40
Fig. 40 - Projeto de graduação de Else Collett (1905-1990), proposta para o cemitério de Nordstrand, 1934 fonte: Dietze-Schirdewahn (2018).....	41
Fig. 41 - Projeto de graduação de Oddvin Reisæter (1913-1983), proposta para um parque com campo desportivo, 1938 fonte: Dietze-Schirdewahn (2018).....	41
Fig. 42 - Projeto de Frölich para a Escola Norueguesa de Negócios de Bergen, 1936 fonte: Dietze-Schirdewahn (2024).....	42
Fig. 43 - Ilustração da Exposição de Estocolmo, 1930 fonte: alchetron.com	45
Fig. 44 - Capa da revista Allmän svensk trädgårdstidning, 1938 fonte: tradera.com	46
Fig. 45 - capa da revista Hem i Sverige, 1927 fonte: stockholmskallan.stockholm.se	46
Fig. 46 – Esboço da perspetiva aérea do Rålambshovsparken, 1935 fonte: urbio.se, Erik Glemme/Departamento de Parques/Arquivos da Cidade	47
Fig. 47 - Plano geral de Södra Ängby, adaptação semelhante ao original, Holger Ellgaard, 2008 fonte: sv.wikipedia.org.....	47
Fig. 48 - Ängbyhöjden 20, 1930s fonte: sv.wikipedia.org.....	48
Fig. 49 - Ängbyhöjden 20, foto de Holger Ellgaard, 2008 fonte: sv.wikipedia.org	48
Fig. 50 - Jardim de M. J. Grimar, Jean Canneel-Claes, 1930 fonte: AAM Editions (2014)	51
Fig. 51 – Axonometria e Plano Geral do jardim residencial de Canneel-Claes, 1931 fonte: AAM Editions (2014).....	51
Fig. 52 - O “Jardim Selvagem” na primavera, Ruys, 1924, foto de Deyan Minchev fonte: The Flora Journal (2024)	53
Fig. 53 - Vista aérea dos jardins em Dedemsvaart, foto de Deyan Minchev fonte: The Flora Journal (2024).....	54
Fig. 54 - W.G. Witteveen, plano de expansão Amesterdão-Oeste, 1923-1926 fonte: Mens (2016)	54
Fig. 55 - Jardim da Villa Maggia, foto de Franco Panzini fonte: associazioneporcina.org	55
Fig. 56 - Jardim da Villa Maggia, foto de Franco Panzini fonte: associazioneporcina.org	56

Fig. 57 - Primeira edição da revista Domus, 1928, Francesco Bini, 2017 | fonte:
en.wikipedia.org 56

Introdução

Enquadramento, justificação do tema e objetivos

O presente trabalho decorre de um desafio lançado no decorrer do semestre, que consistiu na recolha, seleção e organização cronológica de eventos, publicações e projetos marcantes na história do Modernismo na Arquitetura Paisagista europeia, com especial foco no período entre as Guerras Mundiais (1918-1939) em diversos países europeus. O trabalho de pesquisa no qual assenta a presente dissertação permitiu dar apoio a uma investigação doutoral também orientada pela Professora Teresa Portela Marques, que pretende contribuir para a melhor compreensão das obras e soluções projetuais que caracterizaram o Modernismo na Arquitetura Paisagista em Portugal.

- A compreensão do panorama da Arquitetura Paisagista desta época depara-se, porém, com desafios que dificultaram a obtenção de informação, mas que são simultaneamente fatores que justificam a pertinência do trabalho proposto:
- A dispersão e dificuldade de acesso à informação relativa a projetos, eventos e publicações relevantes na época, ao nível europeu (muitas vezes as obras encontram-se nas línguas nativas);
- A crescente perda de projetos, uma vez que os jardins são espaços sensíveis, isto é, o tempo atua com maior impacto - quando comparado a um projeto de arquitetura, por exemplo - e a perda física dos registos ao longo tempo ou que caem em esquecimento;
- A escassez de investigações focadas na caracterização e panorama europeu do modernismo na Arquitetura Paisagista neste período.

Este período Entreguerras é fundamental para a melhor compreensão das origens do Modernismo na Arquitetura Paisagista portuguesa, dado o contacto que Francisco Caldeira Cabral teve com o panorama paisagístico alemão durante o mesmo. A abrangência da análise a diversas nações europeias permite a obtenção de uma visão mais ampla deste período e, se possível, o estabelecimento de relações e influência de correntes de pensamento e soluções projetuais entre os países estudados.

A Arquitetura Paisagista e o Modernismo

Na viragem do século XIX, a rápida industrialização e crescimento demográfico da Europa, iniciados no século XIX, motivara diferentes respostas ao nível da Arquitetura, Arquitetura Paisagista e Design em diversos países, de onde se destaca o movimento *Arts and Crafts* britânico, que lançou as bases para o posterior desenvolvimento do Modernismo: projetistas propuseram novos modelos de desenho do jardim doméstico focados no artesanato local e na valorização do trabalho manual, como forma de combate à crescente mecanização.

Na primeira metade do século XX, o intensificar dos avanços tecnológicos e socioculturais, bem como acontecimentos como a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Grande Depressão (1929-1933) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) levaram a um acréscimo sem precedentes da necessidade de reconstrução e reorganização dos espaços públicos, mas também do espaço doméstico, de modo a adaptá-los a um novo estilo de vida.

- Tal como na Arquitetura e Design, o Modernismo na Arquitetura Paisagista surge como resposta a estas necessidades. Devido a estes fatores, nas primeiras décadas do século XX, projetistas como G. N. Brandt, Hermann Mattern e Ulla Bodorff promovem o desenvolvimento das ideias funcionalistas e de novas linguagens de desenho do espaço exterior. A investigação de Marc Treib (1993), que incidiu em projetos dos arquitetos paisagistas modernistas Christopher Tunnard e Garret Eckbo, identifica 6 axiomas que permitem sintetizar o Modernismo à escala do jardim: A negação dos estilos históricos
- Uma preocupação com o espaço e não com o padrão
- As paisagens são para as pessoas
- A destruição do eixo
- As plantas são utilizadas pelas suas qualidades individuais como entidades botânicas e esculturas
- Integração da casa e do jardim, e não “casa-e-depois-jardim”

À grande e pequena escala, os projetos de Arquitetura Paisagista modernistas procuraram quebrar a excessiva ornamentação dos estilos clássicos, enfatizando a relação entre o espaço interior e o espaço exterior, isto é, entre o ser humano e a Natureza e promoveram a estreita relação entre a forma e a função.

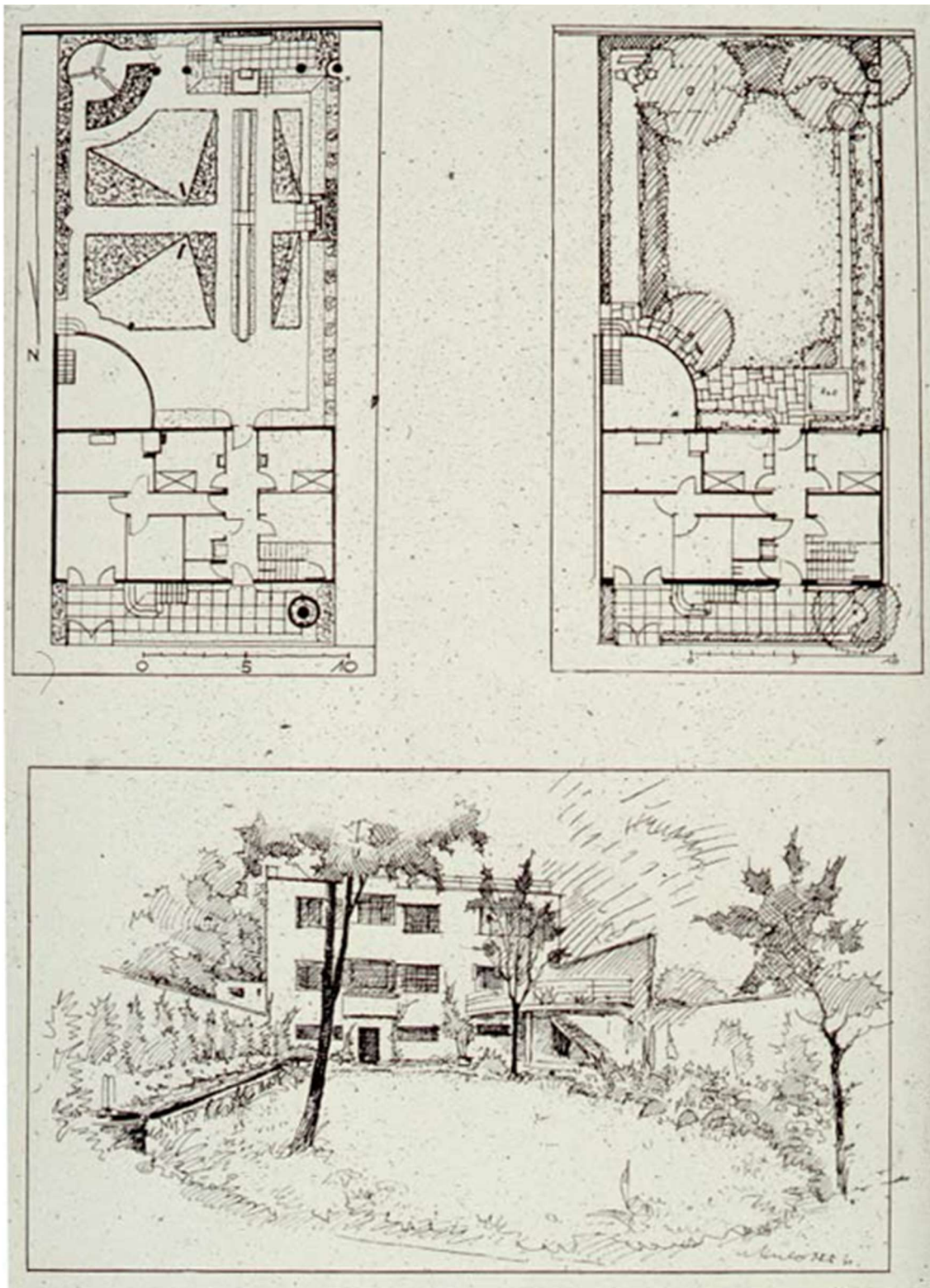


Fig. 1 - Planta do jardim Lurcat (canto superior esquerdo), contraproposta de Wilhelm Hübötter (canto superior direito) e esboço do jardim Hübötter (parte inferior), Versalhes, (*Die Gartenkunst*, 1930, p. 106) | fonte: Wolschke-Bulmahn, Müller & Fibich (2006)

Metodologia

O critério de recolha e tratamento da informação consistiu em dois fatores: o tipo e a qualidade da informação disponível. Ou seja, foram privilegiados os eventos, publicações e projetos disponíveis em fontes primárias, nomeadamente fotografias, desenhos e publicações originais de projetistas.

Como referido anteriormente, o período em estudo recai na primeira metade do século XX, mais precisamente no período Entreguerras (1918-1939). Após um trabalho inicial de pesquisa e recolha de informação, foi possível obter uma visão mais concreta da sua disponibilidade em cada país, o que implicou, em certos casos, na exclusão do mesmo. Posteriormente, pôs-se em prática a organização cronológica dos conteúdos sob a forma de tabelas em formato Excel.

No âmbito da dissertação, a informação recolhida sobre cada país foi associada a uma breve contextualização das diferentes situações geopolíticas e socioeconómicas, seguida pela apresentação de informação complementar aos eventos, publicações e projetos recolhidos.

Por fim, extraem-se as principais conclusões, de forma breve, sobre o contributo de cada nação para a Arquitetura Paisagista durante o período estudado.

Alemanha

Contexto geopolítico e socioeconómico

No virar do século XX, o império alemão tinha-se estabelecido como potência industrial e militar. A industrialização rápida levou a tensões sociais, com o crescimento do movimento operário e o fortalecimento do socialismo. A rivalidade com outras potências europeias e o expansionismo imperialista culminaram na Primeira Guerra Mundial (1914–1918), da qual a Alemanha saiu derrotada, economicamente esgotada e politicamente instável.

Em 1919, é proclamada a República de Weimar, que resiste apenas 13 anos devido às pesadas condições económicas, sociais e militares impostas pelo Tratado de Versalhes, aliado à Grande Depressão de 1929, que geraram desemprego em massa e alimentaram a chegada do Partido Nacional Socialista em 1933 e, ultimamente, à Segunda Guerra Mundial (1939-1945),

Apesar de se tratar de um período socioeconomicamente atribulado, assistiu-se a um aumento sem precedentes do investimento público em proteção ambiental, infraestruturas, habitação coletiva, expansão dos parques e jardins públicos nas grandes cidades alemãs. Ocorre também a criação da Escola Bauhaus, posteriormente encerrada pelo regime Nacional Socialista, e do primeiro curso moderno de Arquitetura Paisagista na Alemanha, produtos da crescente valorização do papel da Arquitetura e da Arquitetura Paisagista na resolução dos problemas das sociedades modernas.

Análise e síntese da informação recolhida:

Segundo Hopstock, L. (2022), no final do século XIX, a jardinagem era uma arte ensinada em instituições de horticultura. A conceção moderna de Arquitetura Paisagista enquanto curso académico surge em 1929, no Instituto Superior Agrícola de Berlim (atual TU Berlin), liderado por Erwin Barth (1880-1933).

Durante este período, destaca-se o importante papel de Heinrich Friedrich Wiepking-Jürgensmann (1891-1973) como professor e mentor de Francisco Caldeira Cabral e, por sua vez, para a génese da Arquitetura Paisagista em Portugal. Em 1933, Wiepking sucedeu a Erwin Bath no cargo de diretor do curso de Arquitetura Paisagista do Instituto Superior Agrícola em Berlim e foi “um professor de referência para Caldeira Cabral com quem, até ao fim da sua vida, manteve uma forte relação de amizade” (Andresen, 2003, como referenciado em Antunes, 2019).

Curiosamente, antes da criação do curso em 1929, o arquiteto alemão Heinz Wichmann sugeriu à escola Bauhaus a criação de um curso de desenho de jardins em 1924, proposta que acabou por ser rejeitada por motivos político-financeiros e epistemológicos (Goto, 2023). Porém, a Federação Alemã de Arquitetos Paisagistas destaca o diálogo e colaboração que arquitetos da Bauhaus e da *Deutscher Werkbund* (Associação Alemã de Artesãos - procuravam elevar o trabalho profissional através da educação e propaganda, integrando arte, indústria e artesanato) estabeleceram com arquitetos paisagistas, procurando novas formas de potenciar a relação entre a casa e o jardim.



Fig. 2 - Festival da Bauhaus em Weimar, 29 de novembro de 1924 (Arquivo da Empresa Wichmann-Gruppe, Celle) | fonte: Goto (2023)

Neste período, as revistas como meio de disseminação de novas ideias e soluções projetuais. Destacam-se as revistas *Die Gartenkunst* (A Arte dos Jardins) e a *Gartenschönheit* (Beleza dos Jardins), frequentemente publicada em paralelo com a primeira, servindo como “suplemento” mais técnico e profissional às disciplinas da arquitetura paisagista, urbanismo e horticultura (Vierle, 1998).

Uma das principais mentes promotoras de novas ideias e soluções projetuais que respondessem ao rápido crescimento urbano e industrial foi Lebercht Migge (1881-1935) com a sua publicação de 1919 – *Das Grüne Manifest* (O Manifesto Verde) – chama os alemães a participarem num êxodo urbano, isto é, na colonização interna das terras alemãs. Defendia também a aproximação do campo para a cidade. O objetivo seria que cada cidadão cultivasse a sua própria horta e fosse autossuficiente (Haney, 2007).

Uma figura também muito importante para este contexto é o horticulturista Karl Foerster (1874-1970), que - através das suas publicações como *Vom Blütengarten der Zukunft* (O Jardim Florido do Futuro) em 1917 ou *Der Steingarten der sieben Jahreszeiten in Sonne und Schatten* (O jardim de pedras das sete estações ao sol e à sombra) em 1936 - influenciou muito os seus contemporâneos através da sua filosofia de jardim, do seu vasto conhecimento de plantas e de como tirar proveito delas e, ainda mais, através da sua personalidade: “são poucas as pessoas que conheci na minha vida que compreenderam muito cedo como transformar o seu talento e a sua inteligência em sabedoria” (Hermann Mattern sobre Karl Foerster, 1968). Foerster também foi um coeditor da revista *Gartenschönheit*.



Fig. 4 - Capa do livro "O Jardim Florido do Futuro" de 1917 de Karl Foerster | fonte: Arquivo/Fundação Marianne Foerster



Fig. 3 - Capa do livro "O jardim de pedras das sete estações ao sol e à sombra" de 1936 de Karl Foerster | fonte: Arquivo/Fundação Marianne Foerster

Segundo Hopstock (2017), uma vez que Foerster não desenhava jardins, colaborou com arquitetos paisagistas que partilhavam da sua filosofia de “jardim do mundo” - que contradizia os pensamentos nacionalistas da época – a fim de deixar a sua marca na área. Portanto, em 1928 foi fundada a famosa cooperativa de trabalho com Hermann Mattern (1902-1971) e Herta Hammerbacher (1900-1985). “Apesar de ter atuado como catalisador do projeto e não como projetista, Foerster tem de ser visto como um interveniente fundamental na arquitetura paisagista do século XX”, este grupo ficou posteriormente conhecido por *Bornimer Kreis* (Círculo de Bornim) – nome proveniente da sua residência em Bornim, Potsdam.



Fig. 5 - Círculo de Bornim no jardim residencial de Karl Foerster, 1960s | fonte: Arquivo/Fundação Marianne Foerster

Fruto desta parceria, surgiram projetos que posteriormente ficariam conhecidos pelo estilo “Bornim”, famoso por “interligar organicamente o espaço interior e exterior”, evidente até “nos desenhos bidimensionais”. Esta maneira de desenhar o jardim como uma continuação da casa e vice-versa, funciona de forma mais eficiente quando o projeto “era concebido em conjunto com a arquitetura orgânica de Hans Scharoun”. (Hopstock, 2015, p.27).

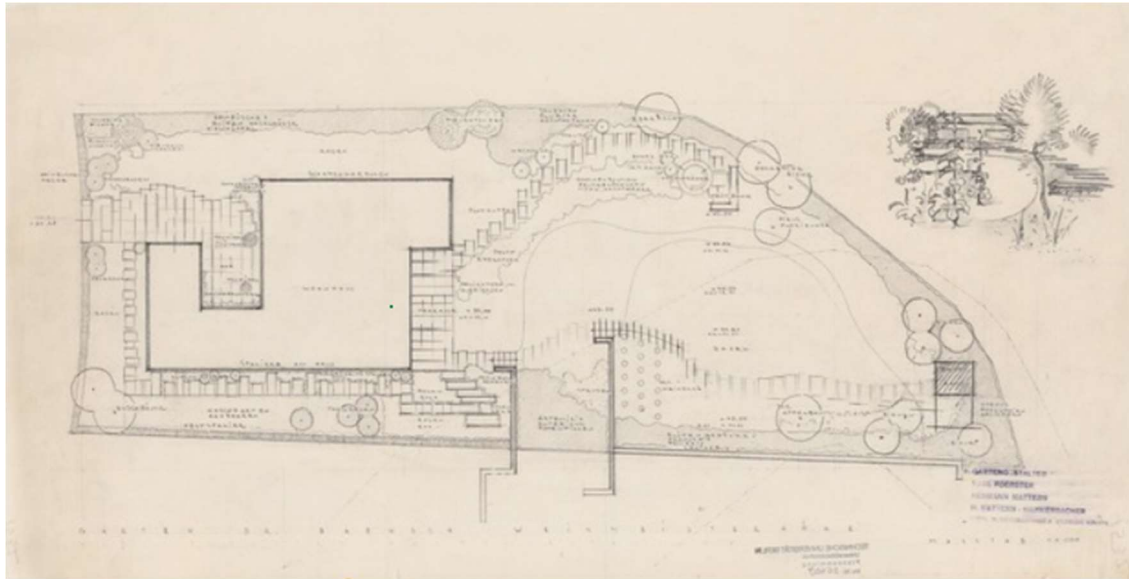


Fig. 6 - Jardim Dr. Baensch, 1934 - Parceria Foerster, Mattern e Hammerbacher | fonte: Architekturmuseum der TU Berlin, Inv. No. 25409

Aliás, já em 1924, Heinz Wichmann – que tinha sugerido a criação do curso de arquitetura paisagista também neste ano – mostrava influências de Foerster no seu plano de plantação para um jardim residencial, onde aplicava o uso de plantas perenes resistentes, ideias que Foerster defendia nos seus livros (Goto, 2023).

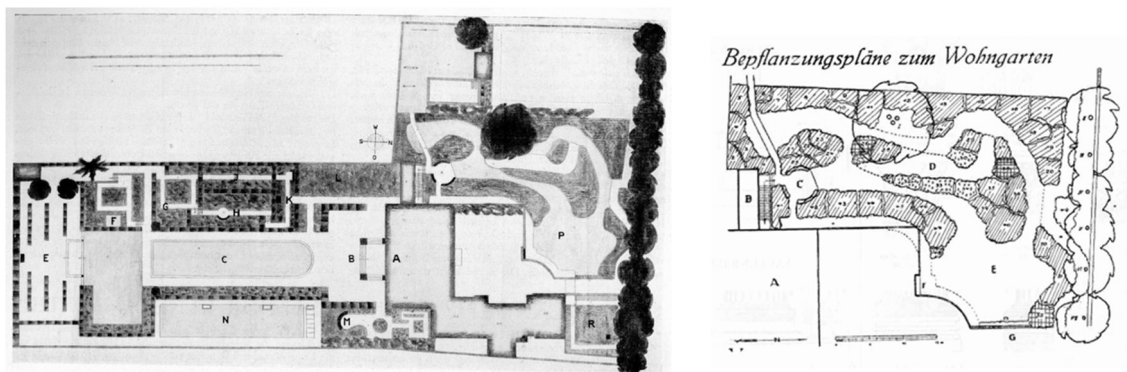


Fig. 7 - Plano Geral e Plano de Plantação para um jardim residencial, Heinz Wichmann, 1924 | fonte: Goto (2023)

Posteriormente, em 1926, Migge projeta o *Hufeisensiedlung* (Povoação Ferradura) em Berlim e o *Knarrbergsiedlung* (Povoado de Knarrberg) em Ziebigk, onde procurava fornecer habitação para os cidadãos comuns, o primeiro exemplo sendo mais urbano e o segundo mais rural. A preocupação social de Migge no que toca à acessibilidade universal aos espaços verdes, observada nos seus manifestos, está presente nestes projetos, com cada habitação a ter acesso a espaços exteriores privados.

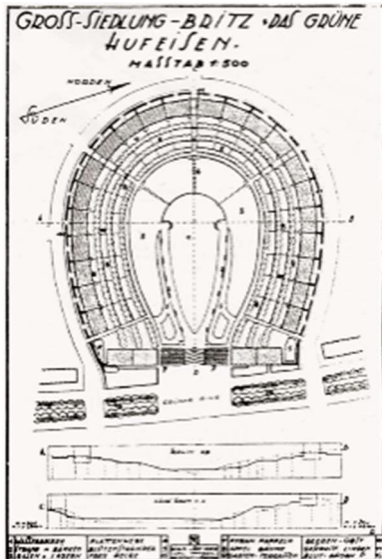


Fig. 8 - Plano Geral de Migge 1926 | fonte: Hufeisensiedlung.info



Fig. 9 - Hufeisensiedlung: Foto aérea de A. Savin, 2017 | fonte: wikiarquitectura.com

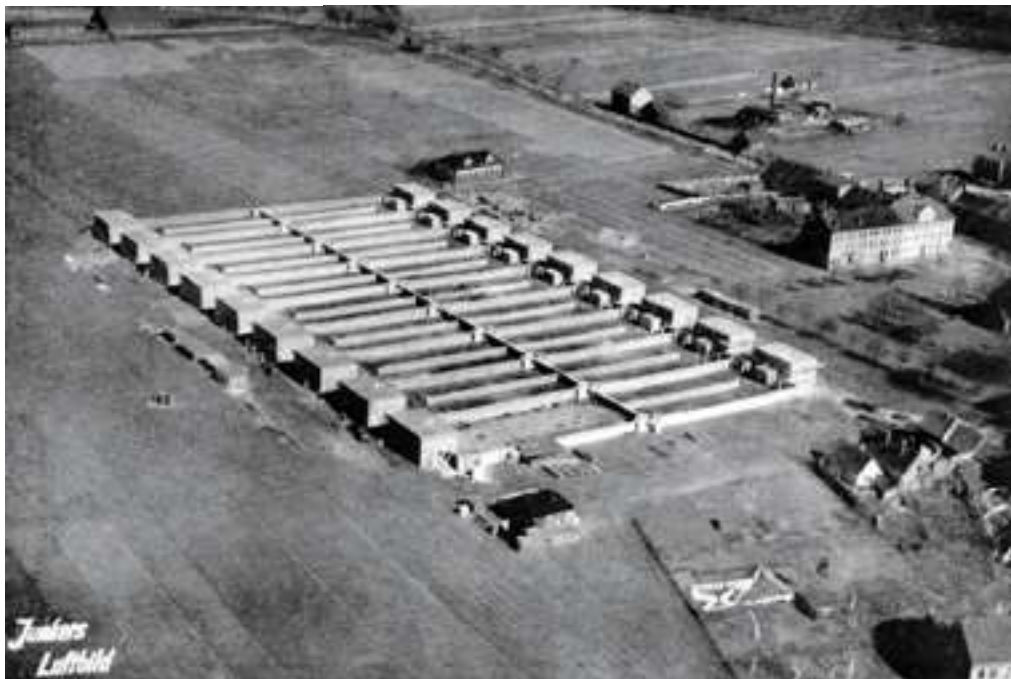


Fig. 10 - Fotografia aérea do Knarrbergsiedlung em Ziebigk | fonte: *Institut für Landschaft und Urbanismus. (2023)*

Posteriormente, com a subida do partido Nazi ao poder em 1933, a disciplina foi utilizada para reforçar ideais nacionalistas, com foco na *Heimat* (paisagem alemã) e no uso simbólico do território. Embora ideologicamente comprometido, este período também fez com que se planificasse mais o território e se pensasse na paisagem e nas infraestruturas como um só. Um dos principais arquitetos paisagistas neste movimento foi Alwin Seifert (1890-1972) - nomeado *Reichslandschaftanwalt* (advogado paisagista imperial). De acordo com Imbert (2020), muitos arquitetos paisagistas na Europa e na América elogiaram a dimensão do sistema de *Autobahnen* (autoestradas) alemão. O traçado das estradas respeitava a forma do terreno e realçava as plantações de espécies autóctones.



Fig. 11 - Secção da Autobahn entre Frankfurt e Kassel, mostra as curvas que acompanham o terreno e a plantação de espécies nativas no separador central. Crowe – *The Landscape of Roads*, 1960: figura 72 | fonte: Imbert (2020)

Conclusão

Na Alemanha, a Arquitetura Paisagista foi uma disciplina que se desenvolveu devido a uma sólida tradição científica na botânica e na ecologia, adquirindo “uma grande importância no Império em plena industrialização e colonização”, sendo utilizada como instrumento que melhoraria as condições de vida urbana, “o que deu origem a uma vasta gama de projetos, desde a conservação da paisagem e a conceção de subúrbios ajardinados até à investigação pioneira dos solos e ao planeamento de *Siedlungen* (colonatos)” (Cupers, 2016, p.1).

A criação do curso superior da disciplina ajudou a impulsionar a profissão, devido às impactantes publicações e ótima rede de difusão. Desta forma, a Arquitetura Paisagista passou a ser vista como um componente essencial do planeamento urbano moderno.

De um modo geral, observa-se uma crescente valorização do espaço exterior e consequente procura do mesmo, tanto em termos teóricos (por exemplo, os manifestos de Migge) como práticos (por exemplo, as curvas sinuosas das autoestradas de Seifert que respeitam a modelação existente do terreno).

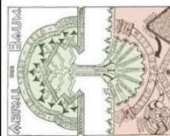
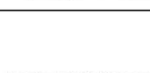
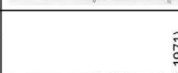
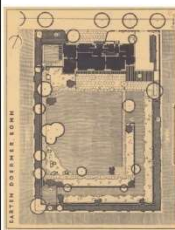
TABELA CRONOLÓGICA DA ALEMANHA						
ANO	CATEGORIA	DESIGNAÇÃO	LOCAL	AUTOR(ES)	IMAGENS	MAIS INFO
1919	Publicação	Das Grüne Manifest - O Manifesto Verde	Berlim, DE	 Lebercht Migge (1881-1935)	 	Harney, D. H. (2007). Lebercht Migge's "Green Manifesto": Envisioning a Revolution of Gardens. <i>Landscape Journal</i> , 26 (2), 201-218.
1919	Evento	Fundação da Escola de Artes e Design Bauhaus	Weimar, DE	 Walter Gropius (1883-1969)		https://www.britannica.com/topic/bauhaus
1924	Projeto	Plano de Plantação para um Jardim Residencial	Weimar, DE	 Heinz Wichmann (1898-1962)	 	Goto, F. (2023). Das Weimarer Bauhaus und die Gartenkunst: Ein Reformversuch von Heinz Wichmann. <i>Aesthetica</i> , (27), 36-41. Keio Universität, Tokyo.
1926	Projeto	Jardim Kreigar	Helmstedt, DE	 Hermann Mattern (1902-1971)	 	Hogstock, L. (2015). Building landscapes to live in: Hermann Mattern (1902-1971) [Vol. II. Illustration] [Tese de doutoramento, University of Sheffield]. CORE. https://core.ac.uk/download/pdf/231848915.pdf
1926	Projeto	Hufeisensiedlung - Povoação Ferradura	Berlim, DE	 Lebercht Migge (1881-1935)	 	http://www.hufeisensiedlung.info/geschichte/haus-des-stiedlung/oeffentliche-gruenanlagen.html Espaceum
1927	Publicação	Garten und Haus - I. Das Haus in der Landschaft - Jardim e Casa - I. A casa na paisagem	Berlim, DE	 Heinrich Wiepking-Jürgensmann (1891-1973)	 	Wiepking-Jürgensmann, H. (1927). <i>Garten und Haus - I. Das Haus in der Landschaft</i> . Editora da Gartenschönheit, Berlin-Westend
1927	Projeto	Volkspark Rehberge	Berlim, DE	 Erwin Barth (1880-1933)		Architekturmuseum der TU Berlin, Inv. 40978 e Image/Arkiv
1928	Projeto	Jardim residencial do Dr. Stopler	Berlim, DE	 Wolkeke-Bulmahn, J., Müller, U., & Flisch, P. (2006). <i>Gartenarchitektur und Moderne in Deutschland im frühen 20. Jahrhundert - Drei Beiträge</i> . Hannover: Zentrum für Gartenkunst und Landschaftsarchitektur (COL), Universität Hannover.		Wolkeke-Bulmahn, J., Müller, U., & Flisch, P. (2006). <i>Gartenarchitektur und Moderne in Deutschland im frühen 20. Jahrhundert - Drei Beiträge</i> . Hannover: Zentrum für Gartenkunst und Landschaftsarchitektur (COL), Universität Hannover.
1929	Evento	Criação do curso de Arquitetura Paisagista no Instituto Superior Agrícola de Berlim (atual TU Berlim)	Berlim, DE	 George Priouwer (1896-1960)		
1930	Projeto	Contra proposta (centro e direita) para o jardim Lucart (esquerda)	Versalhes, FR	 Erwin Barth (1880-1933)		COL, Hannover (2006). <i>Gartenarchitektur und Moderne in Deutschland im frühen 20. Jahrhundert - Drei Beiträge</i>
1930	Projeto	Jardim Doerner	Bonn, DE	 Wilhelm Hubotter (1895-1976)		Architekturmuseum der TU Berlin, Inv. No. IGG 0215
1934	Projeto	Jardim Dr. Baensch	Berlim, DE	 Heinrich Wiepking-Jürgensmann (1891-1973)		Architekturmuseum der TU Berlin, Inv. No. 25409.
1936	Projeto	Autobahnen - Autoestradas	DE	 Alwin Seifert (1890-1972)	 	Krupski, 1936 e Crowe, 1960
1939	Projeto	Jardins da Villa Mohrmann	Berlim, DE	 Hermann Mattern (1902-1971)		Hogstock, L. (2015). <i>Building landscapes to live in: Hermann Mattern (1902-1971)</i> [Vol. II. Illustration] [Tese de doutoramento, University of Sheffield]. CORE. https://core.ac.uk/download/pdf/231848915.pdf

Tabela 1 - Cronologia da Alemanha

Dinamarca

Contexto geopolítico e socioeconómico

Na primeira metade do século XX, a Dinamarca viveu um contexto mais estável do que a maioria da Europa, embora também tenha enfrentado grandes desafios com implicações na Paisagem, dos quais destacamos a o grande crescimento industrial, aumento da população urbana e progressivo abandono rural.

Embora não tenha participado diretamente na Primeira Guerra Mundial, a Dinamarca sofreu consequências económicas e sociais devido à proximidade do conflito. Com a Segunda Guerra Mundial, o país viu-se ocupado pela Alemanha entre 1940 e 1945, mantendo uma certa autonomia.

No geral, a vida dos dinamarqueses foi mais estável do que a dos países vizinhos, beneficiando de reformas sociais, crescimento gradual e um esforço para manter a democracia, mesmo durante a ocupação.

Análise e síntese da informação recolhida:

O registo mais antigo de ensino estruturado em Arquitetura Paisagista (ou equivalente) corresponde ao início da atividade docente de Georg Georgsen (1893-1976) – formado em horticultura - em 1921, na então Universidade Real Veterinária e Agrícola (Nicolaisen, 2011). No entanto, tal como na Alemanha, o ensino era voltado para a jardinagem e horticultura, não sendo oficialmente reconhecido como Arquitetura Paisagista, curso que surgiu apenas em 1960, na Escola de Arquitetura da Academia Real Dinamarquesa de Belas-Artes.

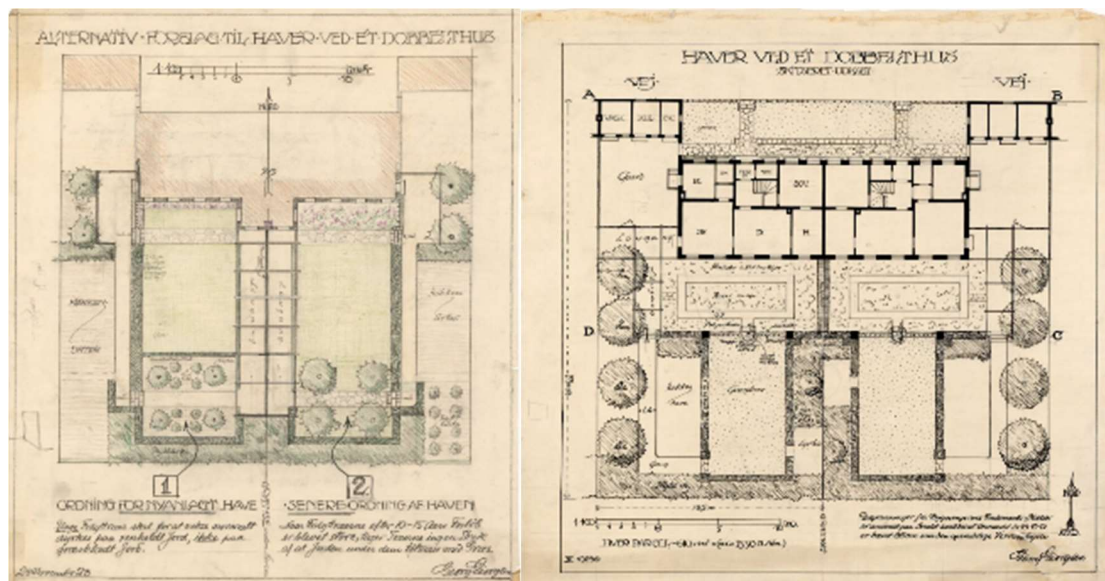


Fig. 12 - Jardins de moradia geminada, esboço, Georg Georgsen, 1923 | fonte: Hjem/Billeder/Samlinger/KUB Frederiksbergs arkiv/Landskabsarkitekturtegninger/Georg Georgsen

Enquanto docente, Georgsen encorajou Erna Sonne Friis (1902-1990), por volta de 1935, a “tornar-se uma versão dinamarquesa (...) de Gertrude Jekyll em termos de combinação de plantas e tons de cores”, o que correspondia com as suas próprias ambições (Lund, 2023).

Com isto em mente, a partir de 1938, Erna escreveu artigos sobre jardins e principalmente sobre como combinar cores de plantas perenes. Estes artigos foram publicados para várias revistas, tais como *Dansk Havetidende* (Revista Dinamarquesa de Jardim), *Haven* (Jardim), *Anlægsgartneren* (O Paisagista) e *Havekunst* (Arte de jardim). As ideias de Erna foram posteriormente divulgadas em revistas suecas (Lund, 2023).



Fig. 13 - Erna Sonne Friis no seu jardim residencial em Lellinge Skovridergård, 1948 | fonte: Lund (2023)

Com a primeira edição em 1920, a revista *Havenkunst* (Arte dos Jardins) – atual *Landskab* - formou o pensamento profissional dos paisagistas dinamarqueses e escandinavos, promovendo uma linguagem moderna e ecológica relativamente comum entre os países. Conforme observado na revista, os concursos de projetos, cursos e viagens de estudo eram realizados regularmente entre estes países escandinavos (Gao & Dietze-Schirdewahn, 2025).

O *Trafikliniebetrækning* (Relatório da linha de tráfego) de 1923 em Copenhaga realçou a importância de se pensar e ordenar o território antes da expansão da cidade. De acordo com Hauxner (2007), o engenheiro Vilhelm Malling (1901-1977) salientou que “a escolha de meios de transporte poderia moldar uma cidade”. Desta forma, o relatório propõe uma aposta nos transportes públicos e critica o automóvel, dizendo que a cidade “tornar-se-ia um “bolo informe e inmensurável” como Los

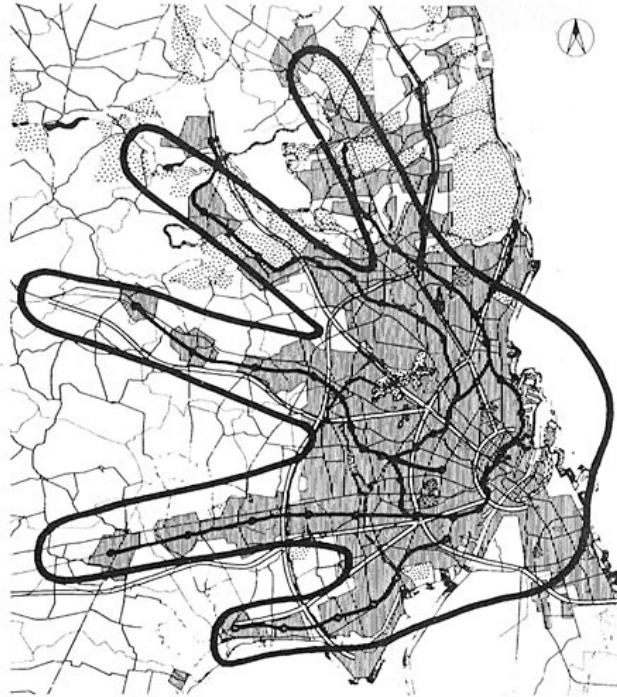


Fig. 14 - Fingerplanen, 1947 | fonte: danishdesignreview.com

Angeles”. G. N. Brandt comentou que “o mérito do presente relatório reside (...) no facto de suscitar uma série de questões de planeamento urbano, incluindo a possibilidade de uma política de parques específica.” Em 1928, foi criado o Comité do Ordenamento do Território, composto por engenheiros, arquitetos, ministros, professores e um arquiteto paisagista recomendado por Brandt: C. Th. Sørensen. Em 1936, este comité publicou o *Betrækning om Københavnsegnens Grønne Omraader* (Relatório sobre as zonas verdes da região de Copenhaga). Estes relatórios culminaram no *Fingerplanen* (Plano dos Dedos) de 1947 que tornou a região da capital dinamarquesa diferente de outras regiões metropolitanas.

Os mais influentes promotores do Modernismo no jardim foram Gudmund Nyeland Brandt (1878-1945) e Carl Theodor Sørensen (1893-1979). Das obras de Brandt destaca-se a expansão do cemitério de Ordrup e de um novo cemitério em Mariebjerg, que lhe valeram a distinção com a medalha de Eckersberg, tornando-se o primeiro arquiteto paisagista a recebê-la. Destaca-se também o seu jardim pessoal em Ordrup, o “Jardim do Futuro”, projetado entre 1914-1915.



Fig. 15 - Algumas campas no cemitério de Mariebjerg, foto de Joost Emmerik | fonte: thelandscapewithinthegarden.com

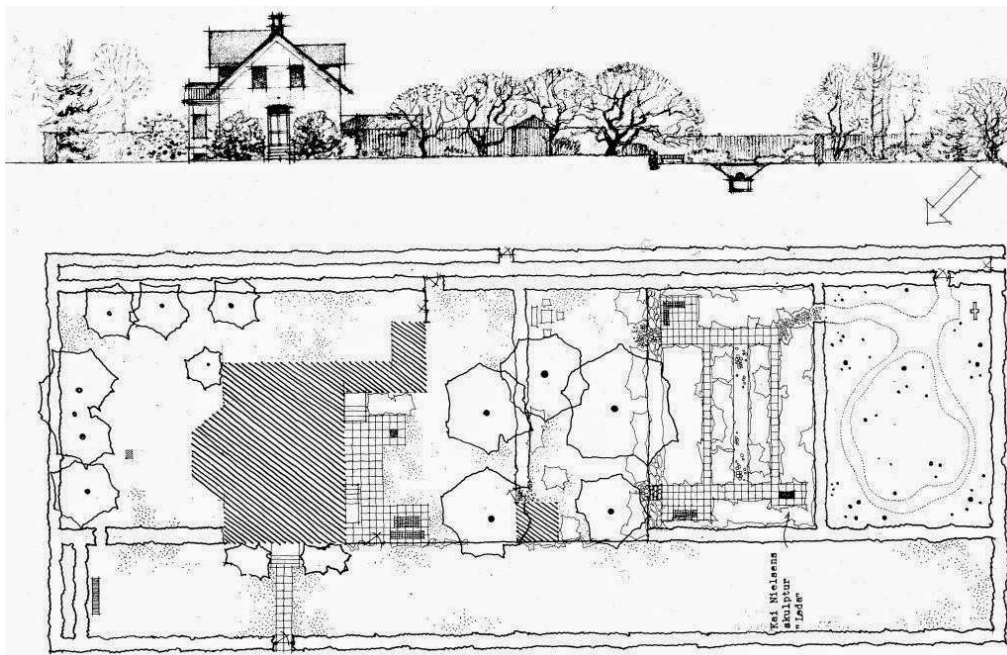


Fig. 16 - Perfil e Plano Geral do jardim pessoal de Brandt, 1914 | fonte: danishdesignreview.com

De acordo com Imbert (2009), Brandt defendia que um “Jardim do Futuro” era 100% verde, ocupava uma área reduzida, protegida e com vegetação em camadas, com o intuito de transmitir um “sentimento de infinitude”. Brandt afirmou a primazia do arquiteto paisagista no jardim devido às suas raízes hortícolas, históricas e culturais. Rejeitou uma nova linguagem formal ou funcionalismo rígido e indicou

que o novo jardim se “cristalizaria” gradualmente sob novas condições sociais, descrevia o “Jardim do Futuro” como barato, de fácil manutenção, útil e flexível. Brandt deixou uma marca duradoura não só na Dinamarca, mas nos países nórdicos (Stephensen & Lund, 2025).

Sørensen foi um dos mais prolíficos projetistas de jardins do seu tempo, tendo mais de dois mil projetos - desde pequenos jardins a grandes instituições. É considerado por Andersson & Høyer (2001) como “um dos maiores arquitetos paisagistas do século XX”. O seu projeto mais emblemático desta época foi o Campus Universitário de Arhus em 1931.

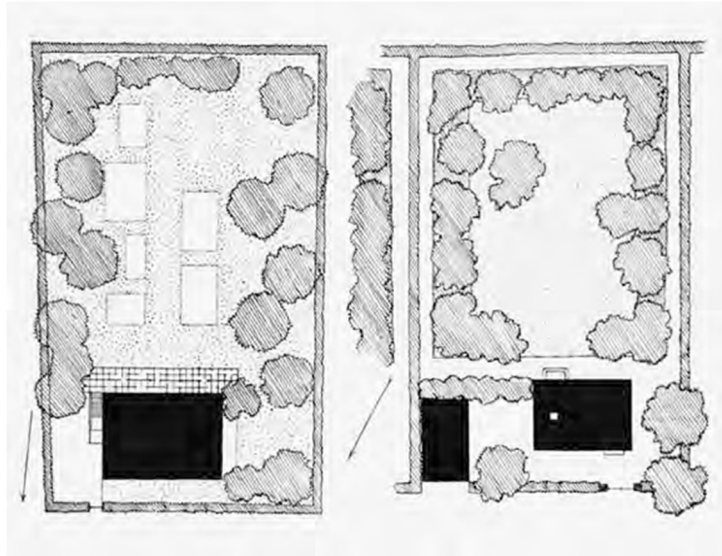


Fig. 17 - Jardim 100% verde; duas variantes. G. N. Brandt, por volta de 1927. O plano à esquerda apresenta canteiros de flores no relvado e o da direita, a vegetação em camadas. Wasmuths Monatshefte für Baukunst und Städtebau (abril 1930) | fonte: Imbert (2009)



Fig. 18 – Estudantes no auditório relvado do Campus Universitário de Arhus | fonte: cfmøller.com



Fig. 19 - Vista aérea do auditório relvado do Campus Universitário de Arhus | fonte: cfmøller.com

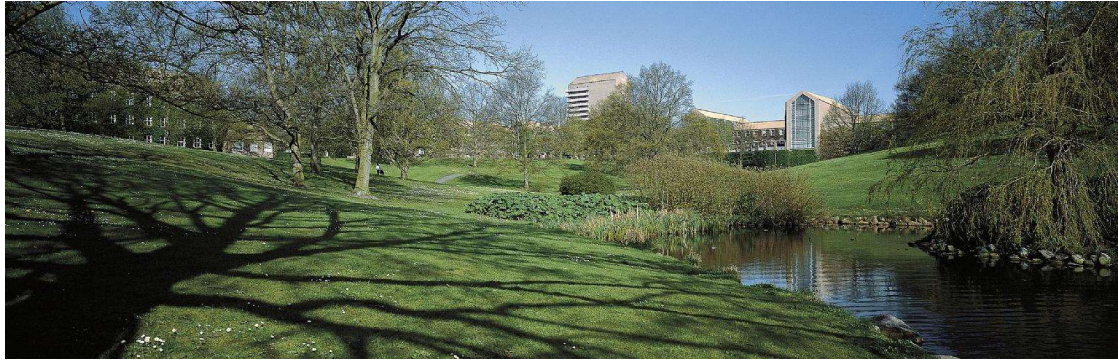


Fig. 20 - Vista do Campus Universitário de Arhus | fonte: cfmøller.com

Sørensen era também um escritor ávido, com quase uma dezena de livros publicados, destacando-se o *Parkpolitik i sogn og købstad* (Política de parques em freguesias e cidades) de 1931 e o *Om Haver* (Sobre Jardins) de 1939. Sørensen ofereceu uma cópia do primeiro livro a todos os 1400 municípios dinamarqueses, uma vez que dá ênfase a uma série de ideias: tarefas de plantação, parques e instalações (cemitérios, campos desportivos, etc), jardins residenciais e conservação da natureza, entre outros. Mas principalmente, deu ênfase a áreas recreativas para crianças. Ao observar as crianças a brincar em locais de construção, terrenos baldios ou zonas bombardeadas, Sørensen escreve sobre o conceito de *junk playground* (parque de sucata infantil), que era um local com “ramos e resíduos de árvores e arbustos, caixas de cartão velhas, tábuas e pranchas, carros ‘mortos’, pneus velhos e muitas outras coisas” (Sørensen, 1935, como citado em Dismal Garden, 2005).



Fig. 21 – Junk Playground em Emdrup, inaugurado por Sørensen, foto: SVEN TÜRCK / VISDA | fonte: Bozkurt (2019)

Conclusão

A arquitetura paisagista dinamarquesa destacou-se pela sua abordagem social, funcional e modernista, com impactos que ultrapassaram as fronteiras nacionais. Os percursos de G. N. Brandt e C. Th. Sørensen são exemplos notáveis do exercício da Arquitetura Paisagista como instrumento público, através das suas obras, palestras, publicações e até intervenções no setor político. O Relatório sobre as zonas verdes da região de Copenhaga e o posterior “Plano dos Dedos” demonstram o papel pioneiro da Dinamarca na valorização da promoção da dos transportes públicos e da mobilidade suave, num período dominado pelo automóvel. Destaca-se também como exemplo notável de um modelo urbanístico modernista que prima pela relação indissociável entre os espaços verdes e a cidade.

TABELA CRONOLÓGICA DA DINAMARCA						
ANO	CATEGORIA	DESIGNAÇÃO	LOCAL	AUTOR(ES)	IMAGENS	MAIS INFO
1920	Publicação	Primeira edição da revista <i>Havekunst</i> (atual <i>Landskab</i>) - Arte de Jardim	DK	I. P. Andersen (1877-1942)		International Federation of Landscape Architects (2010, February). IFLA News (No. 86). https://www.iflaonline.org
1923	Evento	<i>Trafiklinjebetænkning</i> - Relatório das linhas de tráfego	Copenhaga, DK	Vilhelm Malling (1901-1977)		https://cms.ku.dk/upload/application/pdf/35f493659394c03.00-09b_3_0_6_07.pdf.pdf
1923	Projeto	Jardins de moradia geminada	DK	Georg Georgsen (1893-1976)		Hjem/Billeder/Samlinger/KUB Frederiksborgs arkiv/Landskabsarkitekturtegninger/Georg Georgsen
1925	Projeto	Jardins da Villa Svastika	Rungsted, DK	G. N. Brandt (1878-1945)		Sørensen, C.Th. (1939). <i>Om haver</i> . København: Hagerup.
1926	Projeto	Cemitério de Mariebjerg	Gentofte, DK	G. N. Brandt (1878-1945)		arkitekturbilleder.dk
1927	Projeto	Jardim 100% verde	Charlottenlund, DK	G. N. Brandt (1878-1945)		Imbert, D. (2009). G. N. Brandt and the 100 percent green garden. In <i>The Landscape of modernity</i> (pp. 7-9). Pittsburgh: University of Pittsburgh Press.
1931	Publicação	<i>Parkpolitik i sogn og købstad</i> - Política de parques em freguesias e cidades	Copenhaga, DK	C. Th. Sørensen (1893-1979)		Sørensen, C. Th. (1931/1978). <i>Parkpolitik i sogn og købstad</i> . København: Rhodos
1931	Projeto	Jardim universitário de Aarhus	Aarhus, DK	C. Th. Sørensen (1893-1979)		Aarhus Kommune. (1993, February). Lokalplan nr. 376: Bevarende lokalplan for Universitetsparken og Vemmelystparken. Stadsarkitektens Kontor, Byplanafdelingen.
1933	Projeto	Jardim do Diretor Chr. Ruges	Aarhus, DK	Georg Boye (1906-1972)		Hjem/Billeder/Samlinger/KUB Frederiksborgs arkiv/Landskabsarkitekturtegninger/Georg Boye
1934	Projeto	Jardim no telhado da Radiohuset	Copenhaga, DK	G. N. Brandt (1878-1945)		danishdesignreview.com
1936	Evento	<i>Betænkning om Københavnsregions Grønne Omraader</i> - Relatório sobre as zonas verdes de Copenhaga	Copenhaga, DK	Egnsplanudvalg - Comité do ordenamento do território		https://cms.ku.dk/upload/application/pdf/35f493659394c03.00-09b_3_0_6_07.pdf.pdf https://commons.wikimedia.org/windex.php?curid=20117497
1937	Projeto	Jardim da Academia de Sorø	Sorø, DK	Georg Georgsen (1893-1976)		Hjem/Billeder/Samlinger/KUB Frederiksborgs arkiv/Landskabsarkitekturtegninger/Georg Georgsen
1939	Publicação	<i>Om Haver</i> - Sobre Jardins	Copenhaga, DK	C. Th. Sørensen (1893-1979)		Sørensen, C.Th. (1939). <i>Om haver</i> . København: Hagerup.

Tabela 2 - Cronologia da Dinamarca

França

Contexto geopolítico e socioeconómico

No início do século XX, a vida na França foi muito afetada por guerras, crises sociais e mudanças políticas. A Primeira Guerra Mundial foi particularmente prejudicial para o país: morreram milhões, cidades ficaram em ruínas e as pessoas traumatizadas por anos de combate nas trincheiras. Porém, após o fim do conflito, inicia-se, lentamente, um período de crescimento da economia e de melhoria da qualidade de vida da população, embora envolto num ambiente político conturbado.

Apesar da instabilidade, Paris continuou a ser um dos principais centros culturais e intelectuais do mundo. No entanto, a Segunda Guerra Mundial causou uma rutura no país: a derrota militar rápida em 1940, a ocupação alemã e o estabelecimento do regime colaboracionista de Vichy, caracterizado pela censura e repressão política.

Análise e síntese da informação recolhida

Devido ao contexto francês da época, o estilo formal dos jardins “reinou com renovada intensidade nacionalista” (Imbert, 2009, p.4). O projetista de jardins e autor André Vera (1881-1971) defendia a continuidade do rigor geométrico do jardim formal, como garantia da integridade e vitalidade do espírito francês. A longevidade deste modelo formal não significava, porém, que não pudesse ser adaptado aos usos modernos. O arquiteto paisagista Achille Duchêne (1866-1947) introduziu atividades como natação e dança, demonstrando uma preocupação pelo uso quotidiano do jardim pelas pessoas comuns, afastando-se da ostentação aristocrática do passado (Duchêne, 1935, segundo Imbert, 2009).

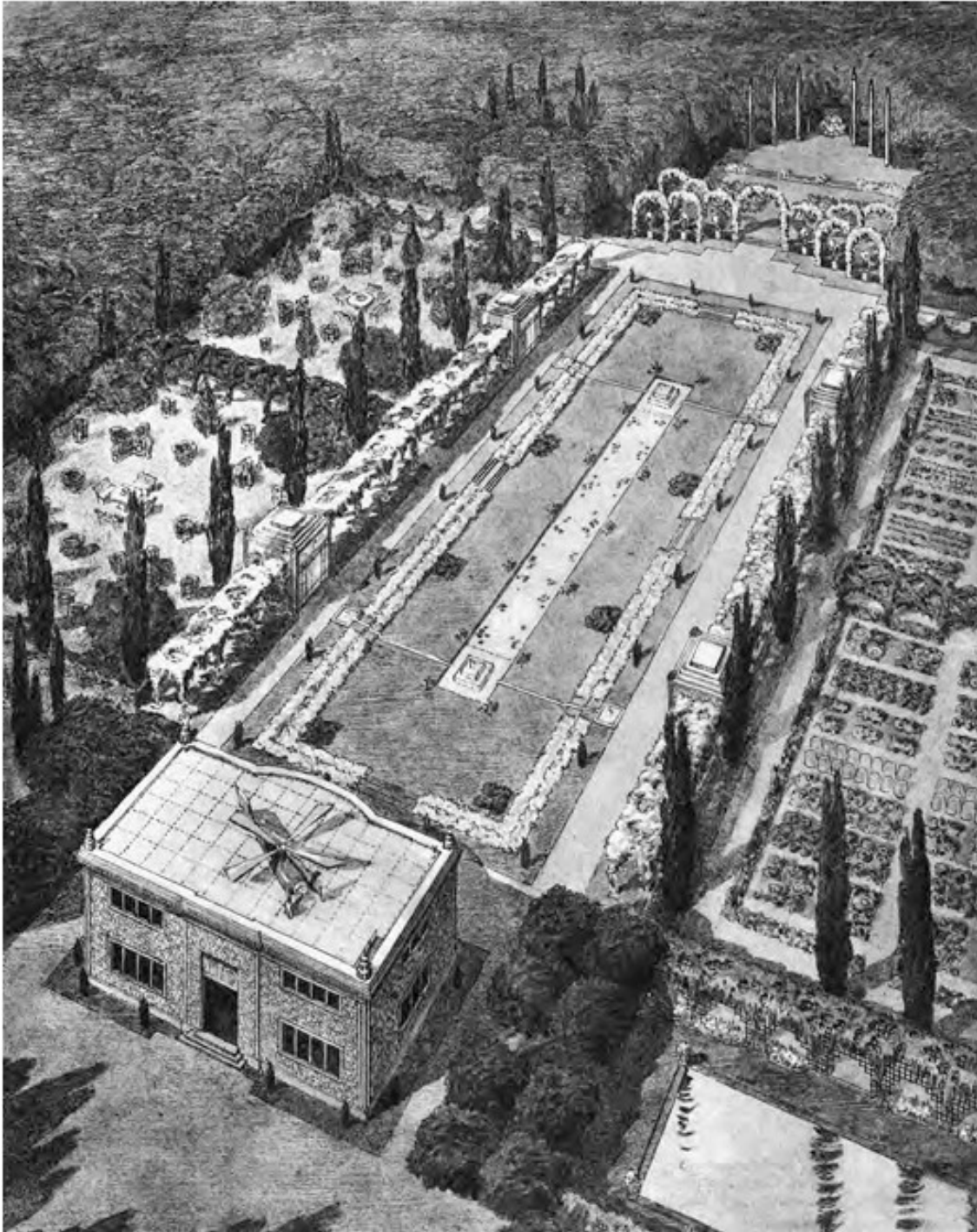


Fig. 22 - Projeto de jardim para uma família de artistas, Achille Duchêne, circa 1927; O helicóptero no topo do telhado da moradia acrescenta um toque de modernidade à disposição classicamente formal. Duchêne, *Jardins de l'avenir* | fonte: Imbert (2009)

Embora o curso de Arquitetura Paisagista só tenha sido criado em 1945 na *École nationale supérieure de paysage* (ENSP), Versailles já funcionava como um centro de ensino para jardineiros de elite com reputação internacional há séculos, onde existiam formações de horticultura, agronomia e desenho de jardins, como por exemplo, a *École nationale d'Horticulture* (Escola Nacional de Horticultura).



Fig. 23 - Vista das estufas da *École nationale d'Horticulture de Versailles*, século XIX | fonte: magazine.hortus-focus.fr

Na primeira metade do século XX, é visível a influência dos princípios do planeamento urbano modernista. Em 1923, Jean-Claude Forestier (1861-1930) projetou um novo sistema de parques para Paris, inspirando futuros planos verdes de cidade. Na íntegra, este projeto é modernista, uma vez que tem uma abordagem territorial, ecológica e socialmente orientada: “Não só temos de calcular qual deve ser a superfície média dos espaços abertos para uma determinada população, como também temos de considerar a sua distribuição mais eficiente e uniforme.” (Forestier, 1997/Leclerc & Tarrago, Eds., p. 59, como citado em Wikipedia contributors).

Forestier era frequentemente associado à tradição académica “elitista e imperialista” de Haussman-Alphand. No entanto, desta tradição retirou apenas o desejo de embelezar as cidades com projetos de grande escala (Wikipedia contributors). No fundo, Forestier era apologista de uma cidade verde: “Sou um verdadeiro homem da cidade. Adoro o ar fresco e os jardins” (Forestier, como citado em Giraudoux, 1939).

André Vera também foi um precursor de ideias ecológicas no urbanismo. Com os seus artigos *l'urbanisme ou la vie heureuse* (urbanismo ou vida feliz) e *Nature et Urbanisme* (Natureza e Urbanismo) publicados na revista *Urbanisme* em 1936 e 1939, respetivamente, Vera defende a integração dos espaços verdes no tecido urbano (Imbert, 2020), dizendo que contribuía para a saúde física e moral dos cidadãos. Ele via as árvores como elementos arquitetónicos, dizendo mesmo que “com o planeamento urbano, a França tornar-se-á um jardim” (Vera, 1936, como citado em Paquot, 2004, p.88).

Posteriormente, em 1930, Le Corbusier (1887-1965), figura cimeira do Modernismo na Arquitetura e Urbanismo, apresenta o seu projeto *La Ville Radieuse* (A cidade radiante) que procurava, acima de tudo, tornar as cidades modernas em cidades-verdes. Corbusier define o parque como a base de todo o sistema urbano, determinando a organização geral do território na qual fazem parte as vias e as estradas (Carlos, 2013).



Fig. 24 - Ville Radieuse, 1930 | fonte: FLC/ADAGP

Segundo Tonini (2013), Pierre Legrain (1889-1929) foi um artista visual celebrado pelo estilo cubista e modernista, cuja única contribuição relevante para a Arquitetura Paisagista foi o seu jardim Tachard de 1924. O projeto em questão constitui, na realidade, uma extensão do seu trabalho no âmbito da arquitetura de interiores na comuna francesa de La Celle-Saint-Cloud. Neste local, Legrain redesenhou “um jardim pitoresco existente” divergindo da forma tradicional dos jardins.

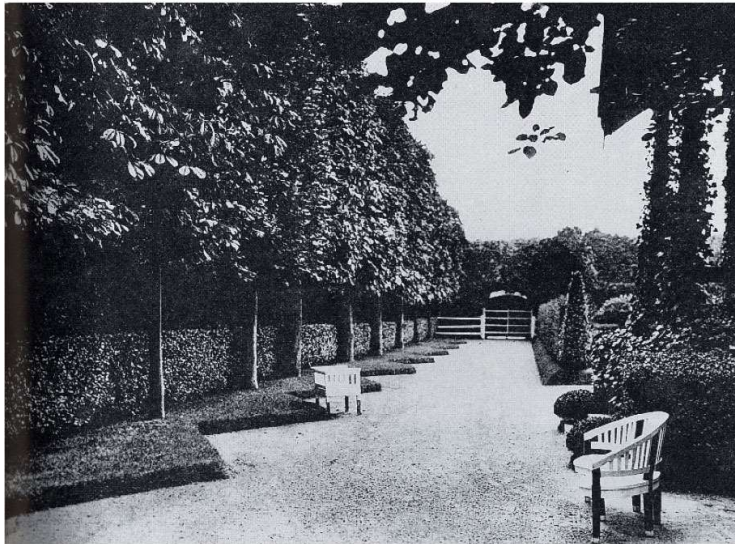


Fig. 26 - Foto do Jardim Tachard, Legrain, 1924 | fonte: Treib (1994), como visto em Tonini (2013)

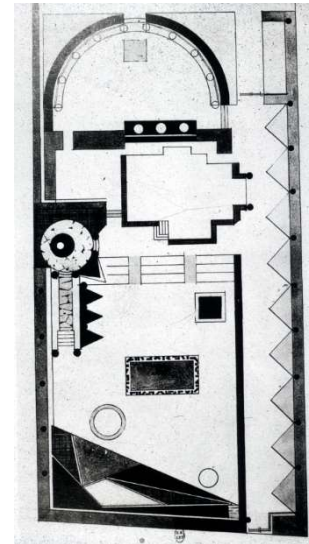


Fig. 25 - Projeto do Jardim Tachard, Legrain 1924 | fonte: Tonini (2013)

Embora não sendo um arquiteto paisagista, Georges Truffaut (1872-1948) foi uma figura marcante francesa neste período. Truffaut vinha de uma linhagem longa de horticultura, com os seus antepassados a serem jardineiros dos reis *Luís XVI* e *Luís XV* (Jardin Secrets. n.d.). Formado em agronomia e química, criou o seu próprio viveiro em Versalhes onde fazia experiências com plantas. Ao fundar a sua revista *Jardinage* (1911-1939) e aliado aos jardins da sua empresa, Truffaut procurou comunicar as suas ideias inovadoras através de meios igualmente inovadores: ao usar fotografias autocromáticas dos jardins, ele disfarçava o seu objetivo comercial na capa da revista, garantindo a eficácia de um anúncio despercebido (Viraben, 2020).



Fig. 28 - Capa da revista *Jardinage* | fonte: jardinsdefrance.org.



Fig. 27 – Capa da revista *Jardinage*, 1920 contendo uma foto autocrômica de um jardim de um artista em maio. Propriedade de Claude Monet | fonte: Viraben (2020)

Muitos dos projetos e artigos foram publicados em revistas francesas como a *Urbanisme*, *Jardinage* (criada por Georges Truffaut) ou *L'Esprit Nouveau* (criada por André Vera) ou até mesmo discutidos em convenções e exposições antes de serem publicados. O livro *Urbanisme* de Corbusier, por exemplo, é uma compilação que desenvolve as ideias dos textos que ele publicou na revista *L'Esprit Nouveau* entre 1920 e 1925.

Conclusão

Com a densa cultura de jardins clássicos que a França possuía na viragem do século XX, as ideias modernistas e funcionalistas dos países vizinhos demoraram a ser implementadas, especialmente em projetos de parques e jardins criados no período estudado. Porém, no que toca ao urbanismo, dão-se importantes passos na adoção das ideias modernistas, nomeadamente através de tratados urbanísticos e planos elaborados por Corbusier e Forest

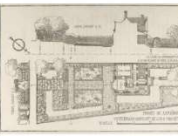
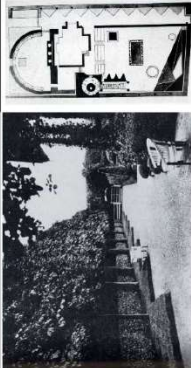
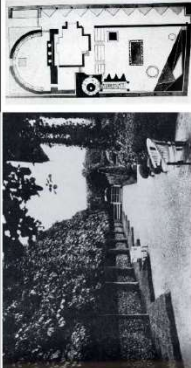
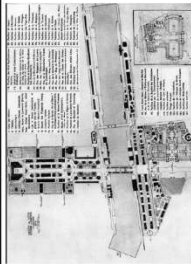
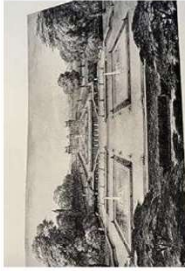
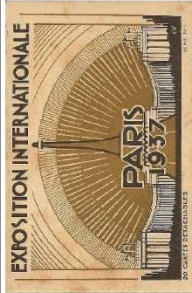
TABELA CRONOLÓGICA DA FRANÇA									
ANO	CATEGORIA	DESIGNAÇÃO	LOCAL	AUTOR(ES)	IMAGENS	MAIS INFO			
1923	Projeto	Plano para um sistema de parques em Paris	Paris, FR	 Jean-Claude Forestier (1861-1930)	 	https://www.larchitectureaujourd'hui.fr/archzoom-papiers-6-du-parc-public-aux-reseaux-de-parcs/			
1920	Publicação	Jardins: carnet de plans et de dessins - Jardins: caderno de planos e desenhos	Paris, FR	 Jean-Claude Forestier (1861-1930)	 	https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/pt6k-98934359/100_double			
1924	Projeto	Jardim Tachard – La Celle-Saint Cloud	Paris, FR	 Pierre-Émile Legrain (1889-1929)	 	https://odigardens.wordpress.com/2013/01/08/tachard-jardin-la-celle-saint-cloud-paris-france/			
1925	Evento	Exposição das Artes Decorativas	Paris, FR	 Jean-Claude Forestier (1861-1930) - curador da seleção de jardins		Michel Roux-Spitz. <i>Batiments et jardins. Exposition des Arts Décoratifs, Paris 1925</i> (Paris, 1925), pl. 1			
1925	Publicação	Urbanisme - Urbanismo	Paris, FR	 Le Corbusier (1887-1965)		https://www.fondationlecorbusier.fr/oeuvre/livre/urbanisme-le-corbusier-1925/			
1925	Projeto	Jardin d'Eau et de Lumière - Jardim de Água e Luz	Paris, FR	 Gabriel Guevrekian (1900–1970)		https://dawningmatter.org/garden-earthly-delight/			
1932	Publicação	Catálogo Les Jardins d'Aujourd'hui - Os Jardins de Hoje	Paris, FR	Comité da Arte dos Jardins da Société Nationale d'Horticulture de France - Sociedade Nacional de Horticultura da França (SNHF)	 	https://librairiecabanon.com/parcs-jardins/5945-jardins-d-aujourd-hui-1932.html https://journals.openedition.org/pays/page/27447			
1933	Evento	Criação da Société Française des Architectes de Jardins - Sociedade Francesa de Arquitetos de Jardins (SFAJ)	Paris, FR	 Achille Duchêne (1866-1947) et al.		https://journals.openedition.org/pays/page/27447			
1935	Publicação	Les Jardins de l'avenir. Hier, aujourd'hui, demain - Jardins do futuro. Ontem, hoje e amanhã	Paris, FR	 Achille Duchêne (1866-1947)		https://www.henri-et-achille-duchene.com/biographies/achille-duchene/?utm_source=chaigt.com			
1935	Projeto	Ville Radieuse - Cidade Radiosa	Paris, FR	 Le Corbusier (1887-1965)		Carlos, R. A. S. (2013). <i>A Ville Verte de Le Corbusier como sistema</i> . W como sistema. Volume I: Introdução e Parte I [Tese de doutoramento, Universidade do Minho], RepositoriUM. https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/24902/2/V%20como%20sistema_volk%20I_Introdu%20e%20ParteI.pdf			
1936	Projeto	Parque Kellerman	Paris, FR	 Jacques Gréber (1882-1962)		http://blog.mimicopore.fr/projets_precedents.html			
1937	Evento	Congresso Internacional de Arquitetos de Jardim, realizado no âmbito da Exposition Internationale des Arts et Techniques dans la Vie Moderne	Paris, FR	Sociedade Francesa de Arquitetos de Jardins (SFAJ)		Imbert, D. (2007). The AAIJM: A manifesto for landscape modernity. <i>Landscape Journal</i> , 26 (2), 219-235.			
1939	Publicação	Nature et urbanisme - Natureza e urbanismo	Paris, FR	André Vera (1881-1971)		https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb-343493724/date			

Tabela 3 - Cronologia da França

Reino Unido

Contexto geopolítico e socioeconómico

Por vastos anos, o Reino Unido foi a maior potência imperial do mundo, com territórios desde o Canadá à Austrália, mas no início do século XX enfrentou vários desafios. Durante a Primeira Guerra Mundial a mobilização massiva da população e a economia de guerra promoveram mudanças socioeconómicas.

Depois da Primeira Guerra Mundial, além do colapso temporário do império com a independência parcial da Irlanda em 1922, assistiu-se a uma forte recessão económica e contestação operária. Durante a Grande Depressão, apesar da forte desilusão popular, o país não sucumbiu ao autoritarismo que se havia espalhado pelo continente.

Na Segunda Guerra Mundial, o Reino Unido teve um papel crucial na luta contra o nazismo. Em contrapartida, o país foi bombardeado e a população sofreu com o racionamento de bens, contudo, estes sacrifícios gerais cultivaram a união da população britânica.

Análise e síntese da informação recolhida

Tal como em França, o movimento modernista no Reino Unido foi menos dominante do que noutras partes da Europa, devido à predominância do movimento de *Arts and Crafts* que nasceu e prosperou nas ilhas britânicas até à década de 1930. Porém, um grupo restrito de figuras demonstraram uma crescente distância dos *Arts and Crafts*, movimentando-se em direção ao modernismo e contribuindo significativamente para a renovação da disciplina de Arquitetura Paisagista. Destas figuras destacam-se Thomas Mawson (1861-1933) e Geoffrey Jellicoe (1900-1996), os principais fundadores do *Institute of Landscape Architecture*. Originalmente fundado em 1929 como *British Institute of Garden Architects*, passado um ano alterou o nome para *Institute of Landscape Architects* e hoje é conhecido por *Landscape Institute*. “O termo *landscape architect* foi preferido a *garden architect* por se considerar que a profissão viria a ter um âmbito maior ao nível das comissões públicas para planeamento e desenho urbano” (Marques, 2009).

Os trabalhos eram publicados em revistas como: *The Town Planning Review* – revista focado em urbanismo e infraestrutura verde -, *Journal of the Royal Horticultural Society* – centrada em horticultura, essencial para entender as plantas -, *Journal of the Institute of Landscape Architects* – revista exclusiva de arquitetura paisagista, publicou artigos dos mais famosos paisagistas britânicos -, *Landscape and Garden* – revista pioneira na divulgação de jardins e paisagens modernas – ou *The Architectural Review* – publicou artigos sobre o urbanismo e jardins, destacando os novos materiais e abordagens internacionais.

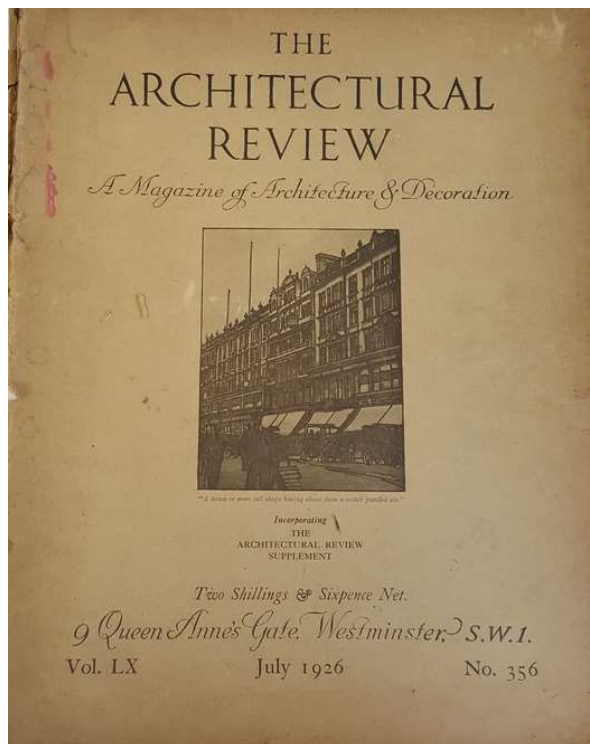


Fig. 30 - *The Architectural Review*, 1926 | fonte: abebooks.com

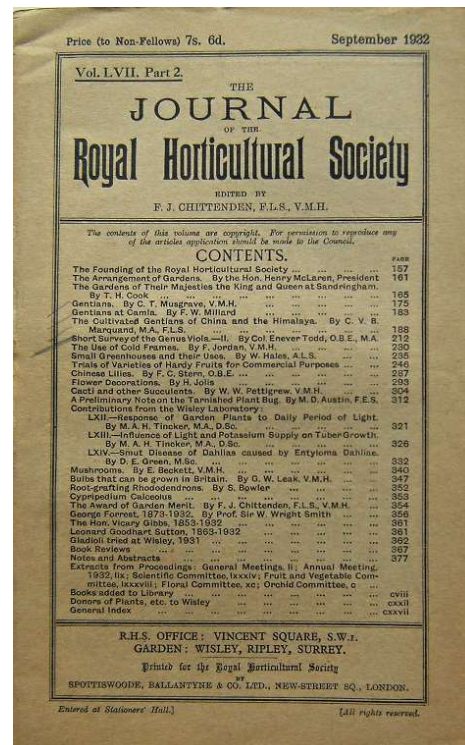


Fig. 29 - *Journal of The Royal Horticultural Society*, 1932 | fonte: mikeparkbooks.com.

Observando e citando uma obra claramente *Arts and Crafts* do arquiteto paisagista Thomas Mawson – *The art and craft of garden making* (“A arte e ofício da jardinagem”) – é pelo autor dito que “temos olhado para cada unidade na composição como uma única entidade e muito pouco como uma parte de um esquema maior (...) só quando possamos conceber a criação individual (...) como apenas um fator num esquema muito mais amplo (...) é que a arquitetura deste país pode alcançar seu maior desenvolvimento” (Mawson, 1926). Aqui, pode-se perspetivar que Mawson adota uma visão modernista ao valorizar a noção de um todo integrado em vez de unidades isoladas, enfatizando a relação funcional entre partes e o conjunto.

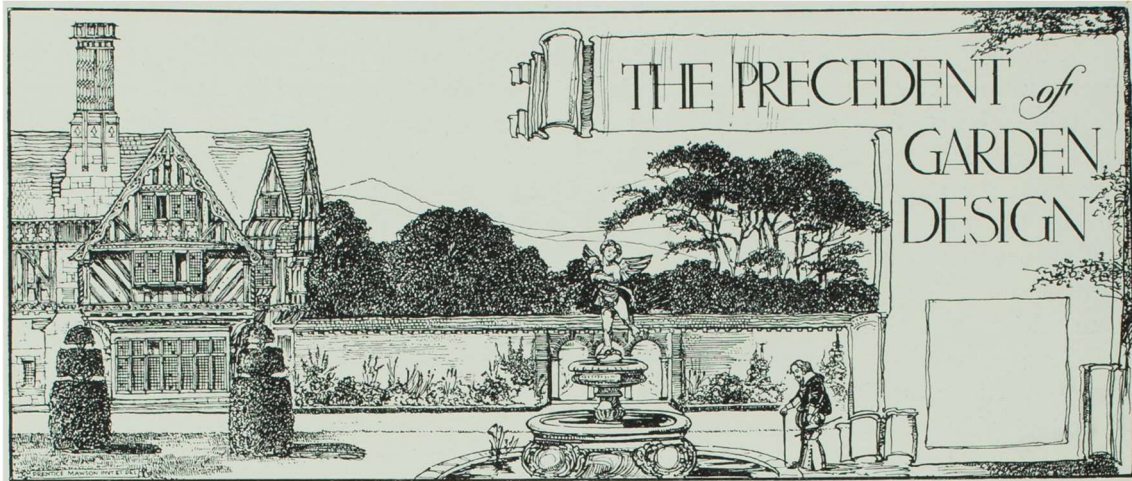


Fig. 31 - Imagem do livro *The art and craft of garden making* Thomas Mawson, 1900 | fonte: archive.org

Jellicoe, provavelmente devido à sua formação como arquiteto, cedo se deixou influenciar pelo Modernismo, como se observa no seu projeto de 1934 – Caveman Restaurant – também neste caso, há argumentos que defendem que quando uma obra de Arquitetura se encaixa na paisagem, fazendo parecer que faz parte dela, pode ser considerada também uma obra de Arquitetura Paisagista. Alinhado com o Modernismo, ao rejeitar a pura formalidade, ao favorecer formas simbólicas e ao destacar o papel do inconsciente no processo criativo, Jellicoe diz que “o subconsciente podia ser utilizado, como em toda a arte, para reforçar o consciente e o tangível no desenho paisagístico” sendo o processo para tal “simples. Começa por preparar um desenho da forma habitual, coloca-o à distância e de preferência de pernas para o ar, e gradualmente apercebe-se de que ele sugere uma forma estranha, mas amigável.” (Jellicoe, como citado em Turner, 1998). Jellicoe tem também obras relacionadas com urbanismo, uma vez que entre 1935-1936, projetou planos para várias cidades britânicas: Calverton Colliery, Nottinghamshire; Mablethorpe, Lincolnshire; Hemel Hempstead. No entanto, os seus projetos considerados como sendo de Arquitetura Paisagista surgiram apenas na década de 1950.



Fig. 32 - O caveman restaurant em Cheddar Gorge, Jellicoe and Russell Page, 1936 | fonte: gardenvisit.com

Brenda Colvin (1897–1981) e Sylvia Crowe (1901–1997), confidentes e figuras-chave na transição entre o período Entreguerras e o pós-Segunda Guerra Mundial. Embora tenham ganho maior projeção a partir da década de 1940, ambas evidenciaram raízes teóricas essencialmente modernistas ainda nas décadas de 1920–30. Colvin abriu o seu próprio atelier em 1922 e, em 1939, já tinha projetado cerca de 300 jardins. Colvin foi também co-fundadora do atual *Landscape Institute* (Moggridge, 2006, como visto no site Museum of English Rural Life). Sylvia Crowe formou-se em horticultura em 1926 e começou a trabalhar como designer de paisagem e jardins até ao início da Segunda Guerra Mundial (Wooldridge, 2015).



Fig. 33 - Cartão de visita de Colvin, Brenda Colvin Collection | fonte: merl.reading.ac.uk

Christopher Tunnard (1910-1979) absorve os ideais do Modernismo mais rapidamente do que os restantes pares. A sua publicação de 1938 - *Gardens in the Modern Landscape* na revista *Architectural Review* - rompeu com as tradições pitorescas e historicistas do paisagismo inglês e é considerada por Imbert (2007) como “o manifesto paisagista mais famoso do século XX”. Inspirado pelo pensamento da Bauhaus e por Le Corbusier, Tunnard via o jardim como uma extensão lógica da casa moderna — um espaço pensado para a vida quotidiana, despojado de ornamentos supérfluos. A sua intervenção mais emblemática foi no jardim da *Bentley Wood House* (1936–1938), onde aplicou os princípios que defendia teoricamente.

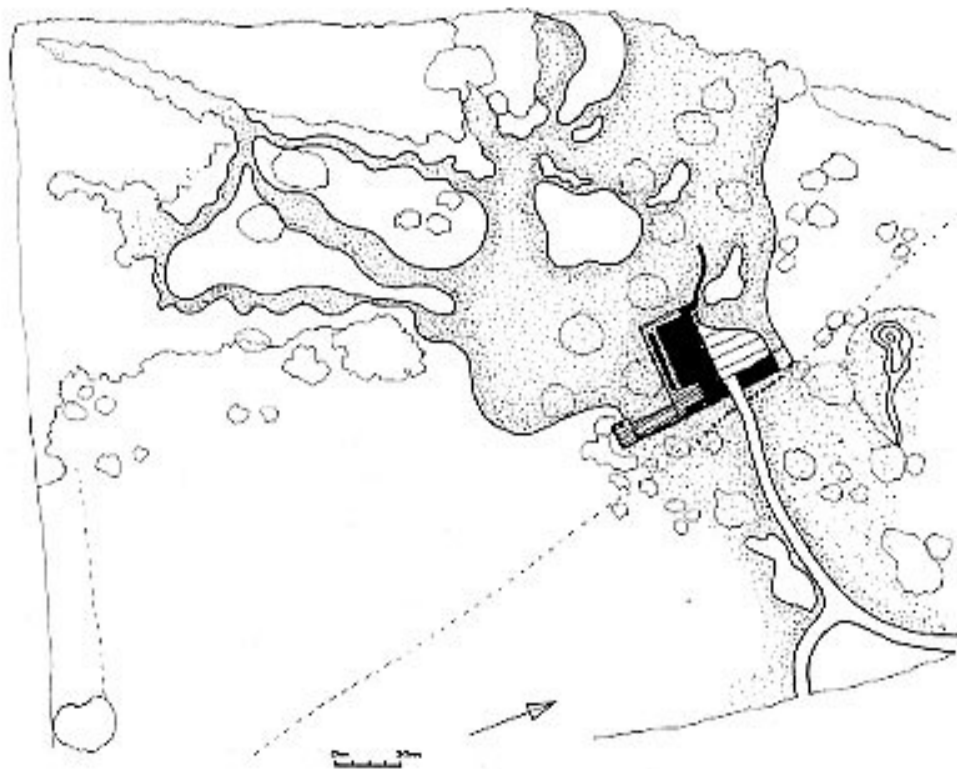


Fig. 34 - Plano Geral da Bentley Wood House, Tunnard, 1936 | fonte: gardenvisit.com

Segundo Jacques & Woudstra (2009), em 1938 Tunnard emigrou para a América do Norte onde trabalhou como professor em Harvard, Yale e Universidade de McGill. Neste período, os ideais de Tunnard começaram a divergir-se do Modernismo, onde as realidades do urbanismo em crescimento levaram-no a criticar os excessos e limitações do modernismo aplicado cegamente às paisagens. Tunnard acabou por se tornar crítico daquilo que antes defendera, adotando uma visão mais ecológica e cultural da paisagem.

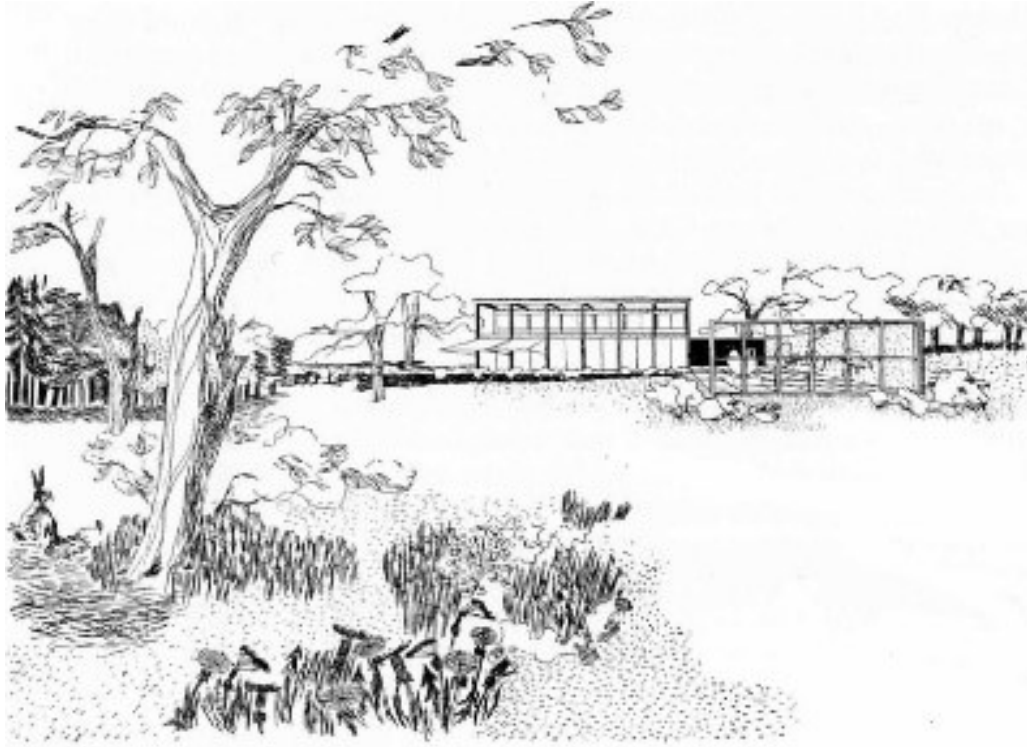


Fig. 35 - Esboço da Bentley Wood House, Tunnard, 1938, onde se observa plantações de flores silvestres | fonte: thebcreview.ca

Conclusão

Durante o período estudado, o modernismo britânico foi discreto e mais frequentemente ligado ao urbanismo do que à arquitetura paisagista propriamente dita.

Tunnard foi o principal arquiteto paisagista modernista do Reino Unido neste período, onde desempenhou um papel de intelectual transatlântico – a sua atividade crítica e prática, aliada às suas publicações na revista *The Architectural Review*, influenciaram toda uma geração de arquitetos e paisagistas britânicos, antecipando tendências que só se consolidariam no pós-guerra.

A transição completa para o Modernismo ocorre sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, mas as suas raízes encontram-se nos autores mencionados.

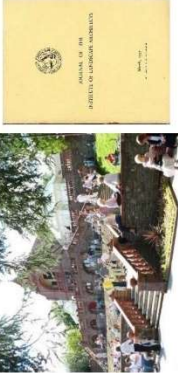
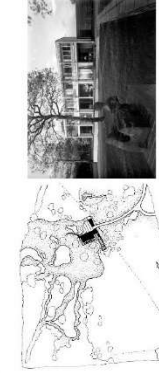
TABELA CRONOLÓGICA DO REINO UNIDO						
ANO	CATEGORIA	DESIGNAÇÃO	LOCAL	AUTOR(ES)	IMAGENS	MAIS INFO
1922	Acontecimento	Brenda Colvin abre o seu consultório	Chelsea, UK	 Brenda Colvin (1897-1981)	 	https://metl.reading.ac.uk/collectio/ins/brenda-colvin/
1926	Publicação	<i>The art and craft of garden making</i> - A arte e ofício da jardinagem (5ª edição)	Londres, UK	 Thomas Mawson (1861-1933)	 	Mawson, T. H. (1926). The art and craft of garden making (5th ed.). London: B. T. Batsford. https://archive.org/details/artcraftgarden00mawso/page/96/mode/2up
1929	Evento	Criação do <i>Institute of Landscape Architects</i> - Instituto de Arquitetos Paisagistas	Londres, UK	 Geoffrey Jellicoe (1900-1996) e Thomas Mawson (1861-1933)		https://en.wikipedia.org/wiki/Landscape_institute
1936	Projeto	Jardins da Bentley Wood House at Halland	East Sussex, UK			https://www.gardenvisit.com/history_theory/library_online_ebooks/tom_turner_english_garden_design/abstract_style_of_garden_design
1938	Publicação	<i>Gardens in the Modern Landscape</i> - Jardins na paisagem moderna	Londres, UK	 Christopher Tunnard (1910-1979)		https://muse.jhu.edu/book/33754
1939	Evento	Sylvia Crowe torna-se afiliada do <i>Institute of Landscape Architects</i>	Londres, Uk	 Sylvia Crowe (1901-1997)		Woodridge, C. (2015). Discovering the Landscape #17: Sylvia Crowe. Museum of English Rural Life, University of Reading. https://metl.reading.ac.uk/blog/2015/07/discovering-the-landscape-17-sylvia-crowe/

Tabela 4 - Cronologia do Reino Unido

Noruega

Contexto geopolítico e socioeconómico

Depois de se tornar independente da Suécia em 1905 e de se estabelecer como monarquia constitucional, a economia norueguesa era maioritariamente piscatória e voltada para o setor primário, mas começou a modernizar-se lentamente com avanços nas infraestruturas e educação. Embora não tenha participado na Primeira Guerra Mundial, o país sofreu económica e socialmente com a falta de produtos devido ao bloqueio naval.

Com a Grande Depressão, a indústria piscatória e a exportação de matérias-primas diminuíram consideravelmente. Porém, a Noruega manteve-se politicamente estável, impulsionando reformas sociais e fortalecendo o Estado.

Apesar de assumir neutralidade na Segunda Guerra Mundial, a Noruega foi invadida pela Alemanha em 1940, com os nazis a ocuparem o país até ao final do conflito, trazendo consigo a repressão política, o racionamento de bens e afetando o quotidiano dos cidadãos.

Análise e síntese da informação recolhida

De acordo com Gao & Dietze-Schirdewahn (2025), o primeiro curso superior de arquitetura paisagista na Europa (e segundo no mundo) foi criado em 1919, na Faculdade Norueguesa de Agricultura (atual NMBU) em Ås, apenas antecedido pelo curso de Harvard, nos EUA, em 1900. Como viria a acontecer noutros países europeus, o curso de Ås sucedeu ao curso de horticultura, criado 1887, na mesma faculdade, onde a maioria dos seus candidatos trabalhavam como jardineiros municipais. A criação do curso em 1919 é maioritariamente atribuída ao arquiteto paisagista Olav L. Moen (1887-1951).

Em 1916, foi estabelecido o *Parkvesenet* (Autoridade de Parques de Oslo), liderada por Marius Røhne (1883-1966), o primeiro jardineiro municipal da capital norueguesa. A principal contribuição de Røhne para Oslo foi o seu plano para uma infraestrutura verde coerente, ligando a área central da cidade às matas que a rodeiam. Em 1929, este projeto foi publicado no Plano Diretor de Oslo, em conjunto com o arquiteto municipal Harald Hals (1876-1956). Hals estudou e trabalhou nos EUA, onde

se inspirou no projeto *Emerald Necklace* (Colar de Esmeralda) de Boston, concebido por Olmsted (Jørgensen, 2018). Também em 1929, dez anos após a criação do curso superior, foi fundada a *Norsk Hagearkitektlag, NHL* (Associação Norueguesa de Arquitetos de Jardim), que é a atual *Norske Landskapsarkitekters Forening, NLA* (Associação Norueguesa de Arquitetos Paisagistas).

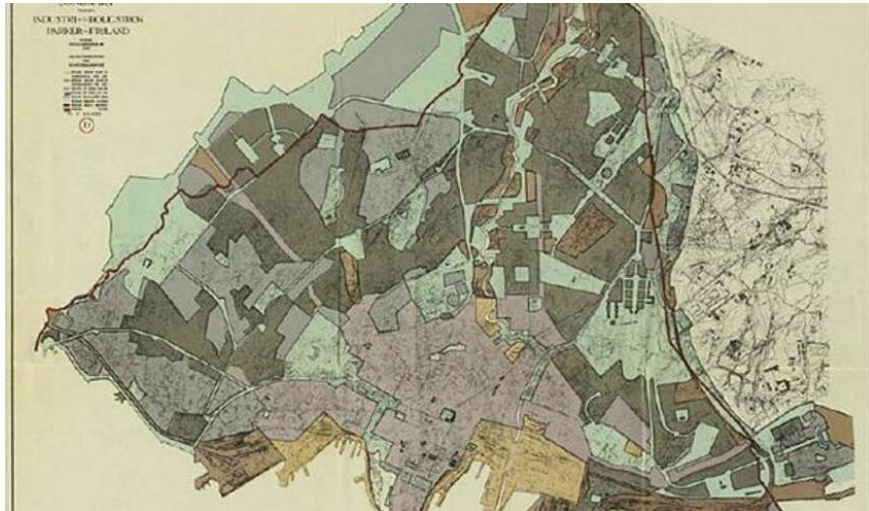


Fig. 36 - Plano Diretor de Oslo, 1929 | fonte: nmbu.no

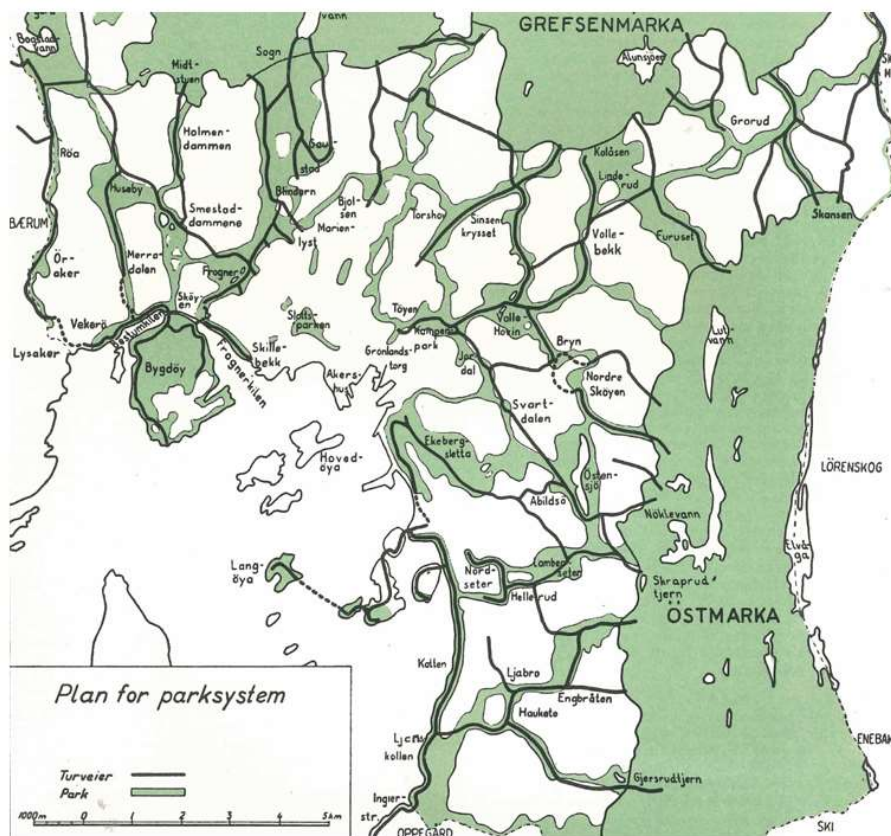


Fig. 37 - As "artérias verdes" de Röhne, adaptadas pelo departamento de planeamento em 1949 | fonte: Jørgensen (2018)

De acordo com Rønsen (2023), durante o período de 1936-1939, mais exatamente na Primavera de 1938, decorreu um *Idékonkurransen om gode bondehager* (Concurso de Ideias para Bons Jardins Rurais). Este evento e a sua respetiva divulgação representaram uma mudança cultural que deslocou a arte dos jardins de uma prática de elite para o domínio da “cultura popular”, levantando debates sobre modernização e identidade nacional na década de 1930. Nas propostas apresentadas predominavam jardins de cariz tradicionalista ou pitoresco, embora alguns já fossem de encontro aos ideais modernistas e funcionalistas. Moen foi o grande vencedor do concurso, conquistando as três categorias: exploração agrícola grande, média e pequena.

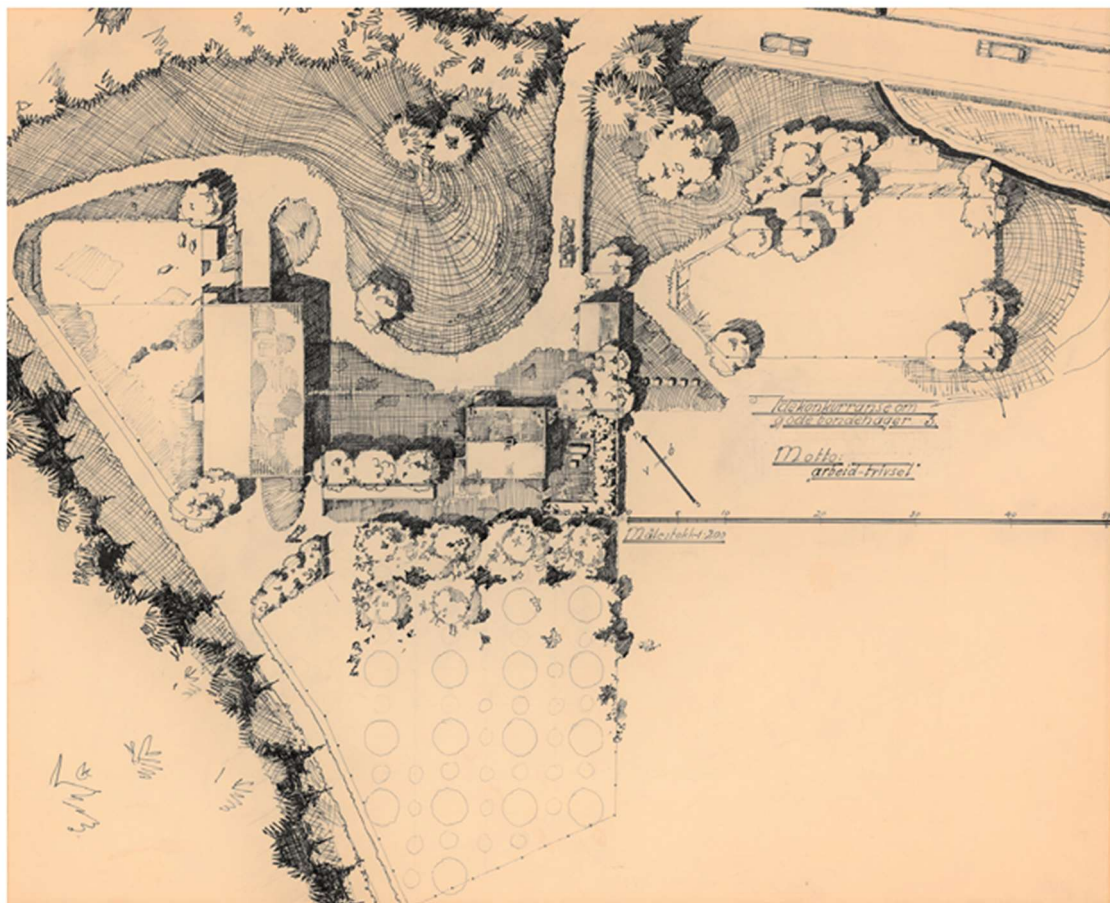


Fig. 38 - Olav L. Moen: Lema: «bem-estar no trabalho», rascunho para o *Idékonkurransen om gode bondehager*, 1939 | fonte: Dietze-Schirdewahn (2018)

Em 1939, Olav Aspesæter (1907-1994) em conjunto com outros autores e arquitetos paisagistas, publicou o livro *Vår tids hage* (O jardim do nosso tempo). Este serviu de manifesto crítico sobre as práticas de parques e jardins da época — tornou-se uma referência e também crítica às políticas e obras municipais, especialmente sobre os parques de Oslo proposto por Røhne e Hals em 1929. Esta política de parques foi

inclusive reconhecida e criticada pelos arquitetos paisagistas contemporâneos que trabalharam nas primeiras décadas do século XX (Jørgensen, 2018).

Durante os primeiros 60 anos do século XX, a atual NMBU colecionou a literatura académica e projetos de estudantes nos seus arquivos de modo a documentar a evolução do ensino da “arte dos jardins” para a “arquitetura paisagista” em 1919. Estes arquivos foram fundamentais para analisar a receção do modernismo na Noruega (Dietze-Schirdewahn, 2018).

Como referido anteriormente, em 1919, teve início o novo programa de arquitetura paisagista, o segundo a ser criado mundialmente. Os trabalhos dos alunos nos arquivos a partir da década de 1920 são mais diversificados do que nos anos anteriores. Na coleção, há não apenas propostas para jardins residenciais, mas também projetos para parques, cemitérios e campos desportivos. Além disso, os projetos incluem planos de plantação e construção, além de descrições detalhadas.

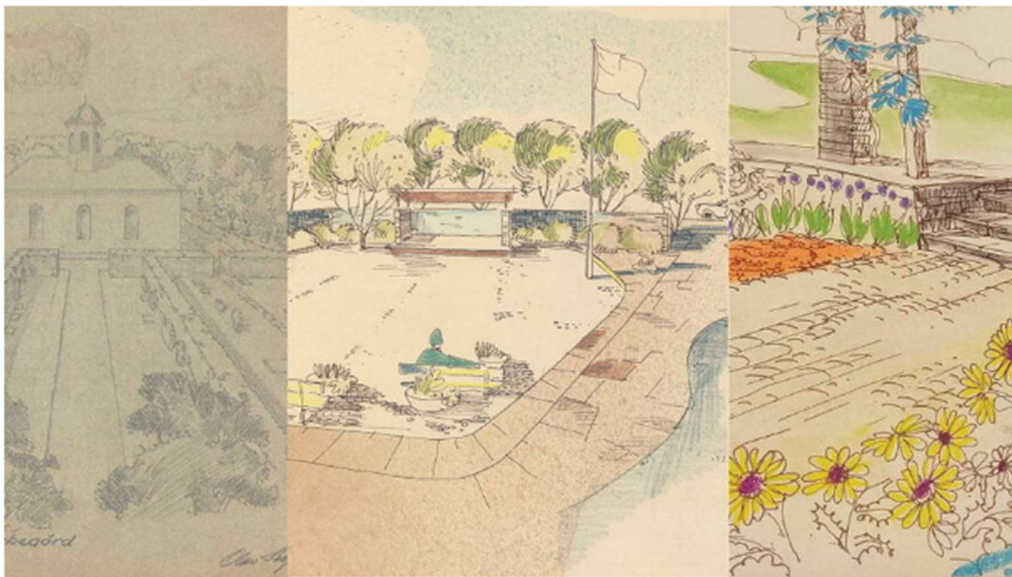


Fig. 39 – Exemplos de esboços de estudantes, 1930-1960 | fonte: Dietze-Schirdewahn (2018)

A coleção contém vários projetos de graduação de estudantes que viriam a tornar-se alguns dos arquitetos paisagistas modernistas mais influentes, não só como projetistas, mas também enquanto professores, jardineiros municipais e representantes em convenções internacionais de Arquitetura Paisagista, como por exemplo, a IFLA – *International Federation of Landscape Architects* (Federação Internacional de Arquitetos paisagistas).



Fig. 40 - Projeto de graduação de Else Collett (1905-1990), proposta para o cemitério de Nordstrand, 1934 | fonte: Dietze-Schirdewahn (2018)

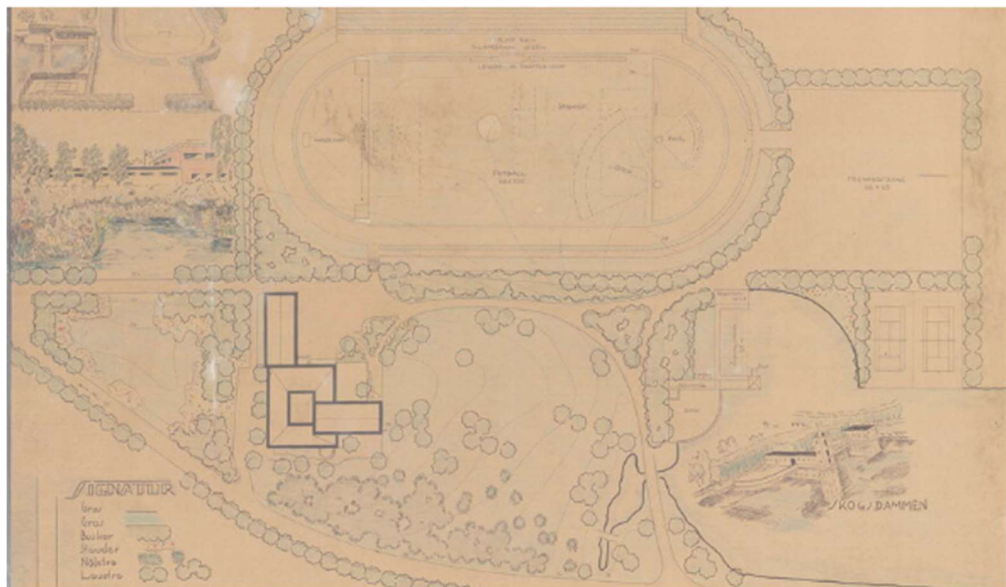


Fig. 41 - Projeto de graduação de Oddvin Reisæter (1913-1983), proposta para um parque com campo desportivo, 1938 | fonte: Dietze-Schirdewahn (2018)

De acordo com Dietze-Schirdewahn (2024), em 1933, o então professor da Faculdade Norueguesa de Agricultura (atual NMBU), Olav Moen, reconheceu o talento de Torborg Zimmer Frølich (1911-2001), uma assistente no jardim botânico de Bergen, e convidou-a pessoalmente a estudar no curso onde era docente. Passado um ano, Frølich foi para Copenhaga e estudou sob a mentoria de C. Th. Sørensen e, em 1936, voltou para Bergen onde abriu o seu próprio atelier e realizou os seus primeiros projetos, que “têm claramente a marca das obras de Sørensen” (Sælen, 1987, como citado em Dietze-Schirdewahn, 2024).

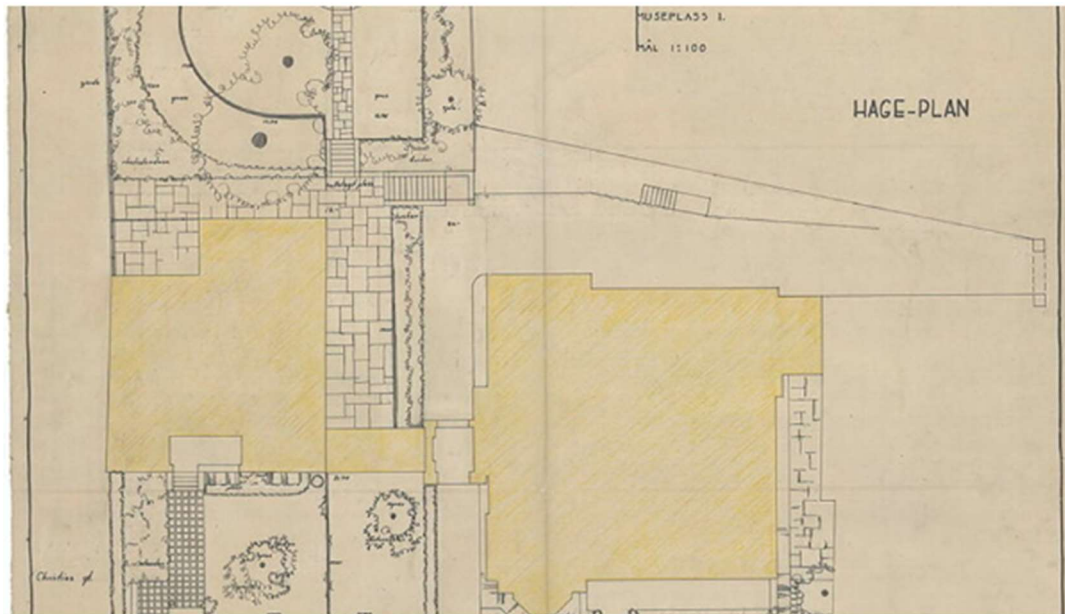


Fig. 42 - Projeto de Frölich para a Escola Norueguesa de Negócios de Bergen, 1936 | fonte: Dietze-Schirdewahn (2024)

Conclusão

Durante o período Entreguerras, a Arquitetura Paisagista norueguesa consolidou-se como disciplina profissional e prática social, deixando de ser uma arte elitista para se tornar um importante serviço público. A criação do curso em Ås e a criação da *Norsk Hagearkitektlag* constituíram um marco institucional que permitiu a difusão de ideias modernistas por meio do ensino, de publicações e de concursos. Entre estes, o *Idékonkurransen om gode bondehager* (Concurso de Ideias para Bons Jardins Rurais) tornou-se paradigmático, na medida em que procurou implementar soluções funcionalistas, simples e económicas para as hortas e quintas, traduzindo os princípios do modernismo para o contexto rural. A análise dos projetos do concurso demonstra uma coexistência de propostas mais tradicionais e pitorescas, bem como algumas mais modernistas e funcionalistas, refletindo uma transição contínua no campo.

Dada a independência recente da Noruega, as múltiplas gerações de arquitetos paisagistas formados em Ås tornaram-se importantes agentes de construção da paisagem, da identidade nacional e do desenvolvimento do país. O arquivo de trabalhos de estudantes do curso representa um valioso testemunho das “diferentes técnicas de desenho e mudanças nas preferências e tendências do desenho de jardins.” (Dietze-Schirdewahn, 2018).

TABELA CRONOLÓGICA DA NORUEGA						
ANO	CATEGORIA	DESIGNAÇÃO	LOCAL	AUTOR(ES)	IMAGENS	MAIS INFO
1919	Evento	Criação do curso de Arquitetura Paisagista na Faculdade Norueguesa de Agricultura (atual NMBU)	Ås, NO	 Olav L. Moen (1887-1951)		https://www.nmbu.no/en/about/garden-art-history-nmbu-second-oldest-education-world
1929	Evento	Criação da <i>Norsk Hagearkitektlag</i> , <i>NHL</i> - Associação Norueguesa de Arquitetos de Jardim (atual <i>Norske Landskapsarkitekters Forening</i> , <i>NLA</i> - Associação Norueguesa de Arquitetos Paisagistas)	NO	 Marius Reine (1883-1966) e Karen Reistad (1900-1994)		https://nbl.snl.no/Marius_Reine https://www.nmbu.no/forskning/department/kvinnelige-pionerene-i-disiplinen
1929	Projeto	Plano Diretor de Oslo	Oslo, NO	 Marius Reine (1883-1966) e Harald Hals (1876-1956)		https://spool.ac/index.php/spool/article/view/112 https://www.nmbu.no/en/research/public-park-policy-and-modernism-norwegian-landscape-architecture
1935	Projeto	Parque ligado à cantina dos trabalhadores, empresa <i>Askim gummivarefabrikk</i>	Askim, NO	 Olav L. Moen (1887-1951)		https://www.nmbu.no/en/research/olav-leif-moen-pioneer-norwegian-landscape-architecture
1936	Projeto	Jardins da Escola Norueguesa de Negócios	Bergen, NO	Torborg Zimmer Frølich (1911-2001)		https://www.nmbu.no/en/research/torborg-zimmer-frølich
1938	Evento	Concurso de Ideias para Bons Jardins Rurais	NO	Associação Norueguesa de Arquitetos Paisagistas e a empresa Amigos da Horticultura		https://www.scup.com/doi/epdf/10.18261/nk.106.1.2
1938	Projeto	Plano Geral e Detalhes para jardins individuais loteados	Teisen, NO	Eyvind Strøm (1899-1988)		https://www.nmbu.no/en/research/public-park-policy-and-modernism-norwegian-landscape-architecture
1939	Publicação	<i>Vår tids hage</i> - O jardim do nosso tempo	Oslo, NO	Olav Aspåsæter (1907-1994)		https://spool.ac/index.php/spool/article/view/112

Tabela 5 - Cronologia da Noruega

Suécia

Contexto geopolítico e socioeconómico

Na primeira metade do século XX, a Suécia manteve-se neutra nas duas guerras mundiais, evitando os conflitos diretos que devastaram grande parte da Europa. Porém, o país enfrentou pressões diplomáticas externas e escassez de bens. Internamente, o país passou de uma economia agrária para uma sociedade industrializada, com rápida urbanização e reformas sociais profundas, especialmente após a crise de 1929.

Durante a Grande Depressão, foi criado o “modelo sueco” de bem-estar social, baseado no consenso entre capital e trabalho, o que trouxe um aumento da educação pública e da habitação social. Apesar das dificuldades, a Suécia consolidou-se como uma democracia estável e socialmente inclusiva.

O cidadão sueco comum viveu um período de mudanças rápidas, mas contrastando com um cenário europeu em guerra, foi também um período de maior segurança social, de inclusão e de paz.

Análise e síntese da informação recolhida

A formação da disciplina na Suécia era fragmentada: futuros arquitetos paisagistas estudavam jardinagem e horticultura em Alnarp, artes e composição na Academia Real de Belas Artes em Estocolmo, ou viajavam para o estrangeiro, sobretudo Inglaterra e Alemanha, como foi o caso de Inger Wedborn (1911-1969) e Ruth Brandberg (1878-1944) (Nolin, 2015). Apenas em 1944 surgirá o primeiro curso formal de Arquitetura Paisagista, na Escola Superior de Agricultura de Ultuna, atualmente parte da SLU – *Sveriges Lantbruksuniversitet* (Nolin, 1999).

A Exposição de Estocolmo de 1930, liderada por Gunnar Asplund, foi impactante para o Modernismo não só da Suécia, mas de toda a Escandinávia, uma vez que consolidou o funcionalismo como estética dominante da arquitetura e do urbanismo (Seelow, 2016). Este evento transformou a habitação e reforçou novas formas de pensar os espaços exteriores, promovendo um estilo de vida moderno em harmonia com a paisagem.



Fig. 43 - Ilustração da Exposição de Estocolmo, 1930 | fonte: alchetron.com

Comparativamente aos outros países estudados, a Suécia apresenta uma grande afluência de mulheres a exercer profissionalmente a Arquitetura Paisagista. Segundo Nolin (2020), as mulheres partilhavam percursos semelhantes entre si: a maioria formou-se no estrangeiro e, ao regressar, teve de construir autonomamente redes de contacto: para consolidar a sua reputação, recorreram a publicações, anúncios, associações e exposições, que funcionaram como plataformas informais de profissionalização tanto em contexto nacional como internacional.

Apesar de escassas, algumas publicações tiveram impacto no período Entreguerras. O manifesto *Acceptera* (1931), publicado um ano depois da Exposição de Estocolmo pelos seus organizadores, como Gunnar Asplund e Gregor Paulsson, defendia o funcionalismo e moldou a abordagem sueca à Arquitetura, ao Urbanismo e, por extensão, à Arquitetura Paisagista (Seelow, 2016).

Em 1923, Ester Claesson publica o seu livro *Trädgården* (O Jardim) que “contém uma visão geral da história dos jardins desde a antiguidade até à era do jardim paisagista europeu” (Nolin, 2016, p.131). Em 1927, o historiador Nils G. Wollin (1892-1964) publicou *Drottningholms lustträdgård och park* (Jardim e parque de Drottningholm), a primeira dissertação sueca de história da arte dedicada à arquitetura de jardins (Nolin, 2016, p.139).

Revistas como *Allmän svensk trädgårdstidning* (Revista sueca sobre jardinagem), *Lustgården* (Jardim do Prazer) e *Hem i Sverige* (Casa na Suécia) publicavam artigos e anúncios relacionados com a disciplina da Arquitetura Paisagista como forma de criar interesse e captar clientes (Nolin, 2006; Nolin, 2018).



Fig. 45 - capa da revista *Hem i Sverige*, 1927
| fonte: stockholmskallan.stockholm.se



Fig. 44 - Capa da revista *Allmän svensk trädgårdstidning*, 1938 | fonte: tradera.com

Entre os projetos mais marcantes, destaca-se o *Skogskyrkogården*, em Estocolmo, concebido por Gunnar Asplund (1885-1940) e Sigurd Lewerentz (1885-1975). Construído entre 1918 e 1940, o cemitério florestal tornou-se referência mundial pelo “diálogo entre o espaço e o ambiente, ao mesmo tempo que expressa as ideias mais complexas com o mínimo de elementos.” (Wang et al., 2018, p. 193).

Outro exemplo relevante foi a atuação de Erik Glemme (1905-1959), um arquiteto paisagista central do período que, em 1936, já como responsável no Departamento de Parques de Estocolmo, liderou o projeto do *Rålambshovsparken*. Posteriormente, participou também na remodelação do parque de *Tegnérunden* em 1940 (Nolin, 2006). Para completar, Sven A. Hermelin (1900-1984) em conjunto com Inger Wedborn (1911-1969), projetou o parque de Marabou. De acordo com *Marabouparken Konsthall* (n.d.), este espaço tinha sido comprado pela empresa de chocolate de Marabou que queria tornar a área num parque recreativo para os seus funcionários. Então, em 1937, estes arquitetos paisagistas apresentam o plano para moldar o espaço num parque pioneiro de modelos funcionalistas.

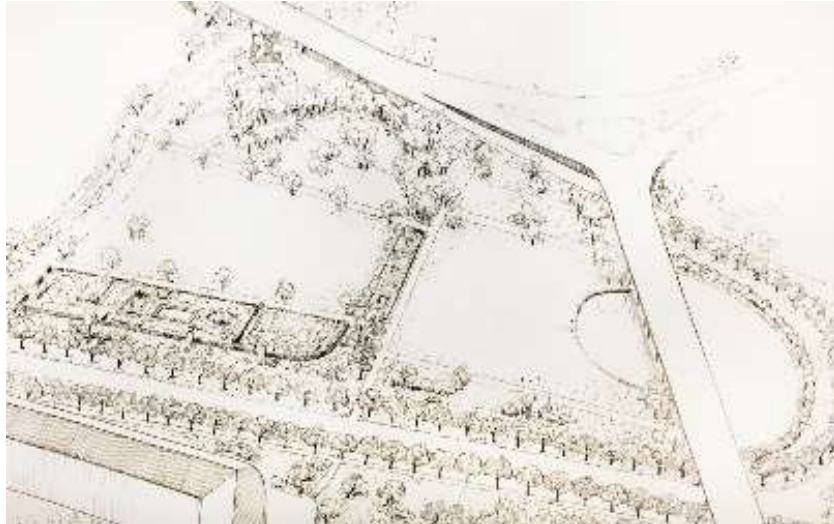


Fig. 46 – Esboço da perspectiva aérea do Rålambshovsparken, 1935 | fonte: urbio.se, Erik Glemme/Departamento de Parques/Arquivos da Cidade

No campo do Urbanismo, o bairro de *Södra Ängby* (1933–1940), projetado por Edvin Engström (1890-1962), é exemplo de como o funcionalismo foi aplicado em grande escala. Este projeto não se insere estritamente no âmbito da arquitetura paisagista, contudo, incorpora princípios modernistas de planeamento urbano e de conservação da paisagem natural, combinando casas brancas de linhas puras com a topografia e floresta de pinheiros pré-existente, como se observa nas seguintes imagens:

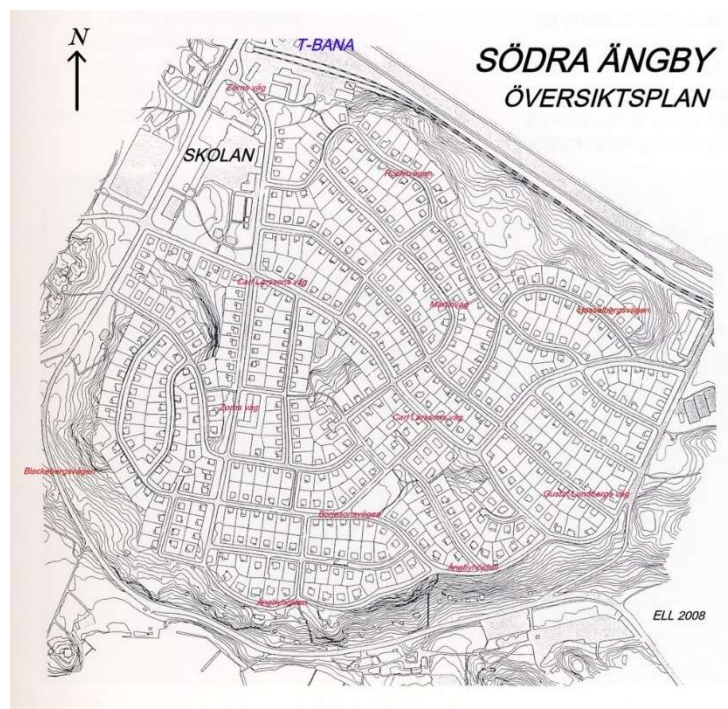


Fig. 47 - Plano geral de *Södra Ängby*, adaptação semelhante ao original, Holger Ellgaard, 2008 | fonte: sv.wikipedia.org



Fig. 48 - Ångbyhöjden 20, 1930s | fonte: sv.wikipedia.org



Fig. 49 - Ångbyhöjden 20, foto de Holger Ellgaard, 2008 | fonte: sv.wikipedia.org

Paralelamente, arquitetas paisagistas pioneiras como Ester Claesson (1884-1931), Ruth Brandberg (1878-1944), Inger Wedborn (1911-1969), Ulla Bodorff (1913-1982) e Helfrid Löfquist (1895-1972) deixaram marcas importantes.

Claesson, ativa desde 1910, participou em concursos como o de *Skogskyrkogården* e publicou em revistas internacionais (*The Studio* – Reino Unido, *Deutsche Kunst und Dekoration* – Alemanha) (Nolin, 2006).

Brandberg especializou-se em projetos de jardins hospitalares, como o hospital de Uppsala em 1937 e o *Serafimerlasarettet* em 1928 (Nolin, 2018).

Wedborn trouxe influências de Inglaterra e, especialmente da Alemanha, uma vez que estudou sob a orientação do professor Heinrich Friedrich Wiepking-Jürgensmann entre 1935-1936 – curiosamente, por volta da mesma altura que Francisco Caldeira Cabral, sendo bastante provável que se tenham cruzado. Posteriormente, Wedborn trabalhou para Alwin Seifert (Nolin, 2018).

Por último, Bodorff e Löfquist destacaram-se nos anos 1930-1940 em projetos urbanos e públicos, e em artigos de revistas, ajudando a consolidar a profissionalização da área (Nolin, 2006; Nolin, 2018).

Conclusão

Entre 1900 e 1950, a Arquitetura Paisagista sueca assistiu a uma evolução da jardinagem artística e dos jardins de inspiração histórica para a criação de sistemas urbanos modernos, funcionalistas e integrados na Natureza. Eventos como a Exposição de Estocolmo 1930, publicações como *Drottningholms lustträdgård* e *Acceptera*, e projetos icónicos como o *Skogskyrkogården* ou o *Rålambshovsparken*, marcaram esse processo. Paralelamente, a atuação de arquitetos como Asplund, Lewerentz e Glemme, e de pioneiras como Claesson, Brandberg, Wedborn e Bodorff, consolidou a disciplina e pavimentou o caminho para a institucionalização académica do campo em 1944.

A presença de mulheres na Arquitetura Paisagista sueca teve bastante peso, mais do que nos outros países estudados. No entanto, foi difícil encontrar referências aos seus trabalhos no período Entreguerras, uma vez que “cartas, desenhos, fotografias e outros materiais de mulheres arquitetas paisagistas raramente foram preservados como coleções completas em arquivos públicos.” (Nolin, 2024, p. 301).

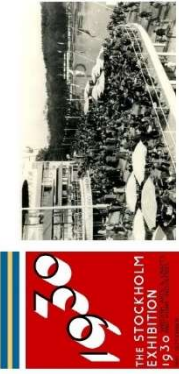
TABELA CRONOLÓGICA DA SUÉCIA						
ANO	CATEGORIA	DESIGNAÇÃO	LOCAL	AUTOR(ES)	IMAGENS	MAIS INFO
1918	Projeto	Skogskyrkogården - Cemitério do Bosque	Estocolmo, SE	 Gunnar Asplund (1885-1940) e Sigurd Lewerentz (1885-1975)		https://sv.wikipedia.org/wiki/Skogs kyrkog%C3%A5rden https://arquitecturaiva.com/works/capilla-del-cementerio-del-bosque-estocolmo#fig=1&slide=0
1923	Publicação	Trädgården - O Jardim	Estocolmo, SE	 Ester Claesson (1884-1931)		Nolin, C. (2016) From Gardening Manuals to Signum's Swedish Art History. Approaches to the Historiography of Swedish Landscape Architecture. Konsthistorisk tidskrift/Journal of Art History, 85:1, 126-140. DOI: 10.1080/00233869.2015.1131737
1927	Publicação	Drottningholms lusträdgård och park - Jardim e Parque de Drottningholm	Estocolmo, SE	 Nils G. Wollin (1892-1964)		Nolin, C. (2016) From Gardening Manuals to Signum's Swedish Art History. Approaches to the Historiography of Swedish Landscape Architecture. Konsthistorisk tidskrift/Journal of Art History, 85:1, 126-140. DOI: 10.1080/00233869.2015.1131737
1928	Projeto	Serafimerläsaretter blomsterträdgård - Jardim de flores no telhado do Hospital Serafen	Estocolmo, SE	 Ruth Brandberg (1878-1944), à direita		https://www.google.pt/books/edition/Women_Modernity_and_Landscape_ArchitecturdriftVg9AQBAU7w?es&pgv=0 https://skbl.se/en/article/RuthBrandberg
1930	Evento	Stockholmsmurställningen - Exibição de Estocolmo	Estocolmo, SE	 Svenska Slöjdföreningen - Sociedade Sueca de Arts & Crafts		Seelow, A. M. (2016). Reconstructing the Stockholm Exhibition 1930: Stockholmsmurställningen 1930 rekonstruerad. Arkitektur Förlag. https://www.researchgate.net/publication/306356159_Reconstructing_the_Swedish_Stockholm_Exhibition_1930_Stockholmsmurstallningen_1930_rekonstruerad https://svenskform.se/historia/
1931	Publicação	Acceptera	Estocolmo, SE	 Svenska Slöjdföreningen - Sociedade Sueca de Arts & Crafts		Seelow, A. M. (2016). Reconstructing the Stockholm Exhibition 1930: Stockholmsmurställningen 1930 rekonstruerad. Arkitektur Förlag. https://www.researchgate.net/publication/306356159_Reconstructing_the_Swedish_Stockholm_Exhibition_1930_Stockholmsmurstallningen_1930_rekonstruerad
1933	Projeto	Bairro Residencial de Södra Ängby	Estocolmo, SE	 Edvin Engström (1890-1962)		https://en.wikipedia.org/wiki/S%C3%BDra_%C3%A4ngby
1934	Evento	1º Congresso Nórdico de Arquitetos Paisagistas	Estocolmo, SE			https://metl.reading.ac.uk/wp-content/uploads/sites/10/2025/01/9_National-Profile-Norway.pdf
1935	Projeto	Rålambshovsparken - Parque de Rålambshov	Estocolmo, SE	 Erik Glemme (1905-1959)		https://urbio.se/ralis-klimatrustas/lambshovsparken/
1937	Projeto	Parque de Marabou	Sundbyberg, SE	 Sven A. Hermelin (1900-1984) e Inger Wedborn (1911-1969)		https://swedishgardens.se/en/garden/the-marabou-park/ https://www.stockholm-museum.com/museums/art-and-design/marabouparken.htm

Tabela 6 - Cronologia da Suécia

Outros Exemplos

Bélgica

A Arquitetura Paisagista belga foi bastante influenciada pelos países vizinhos, nomeadamente França, Alemanha, Países Baixos, mas também pela Inglaterra (Imbert, 2009) e, no período Entreguerras, a Arquitetura Paisagista passou de modelos tradicionais para uma linguagem modernista centrada no funcionalismo e na clareza formal. “A maior parte dos arquitetos paisagistas belgas privilegiava a simplicidade, alguns optavam pelo *nouveau pittoresque* — um híbrido entre o jardim naturalista e o jardim arquitetónico — enquanto outros, como Jean Canneel-Claes (1909-1989), defendiam um funcionalismo de carácter estilisticamente neutro.” (Imbert, 2009, p. 12).

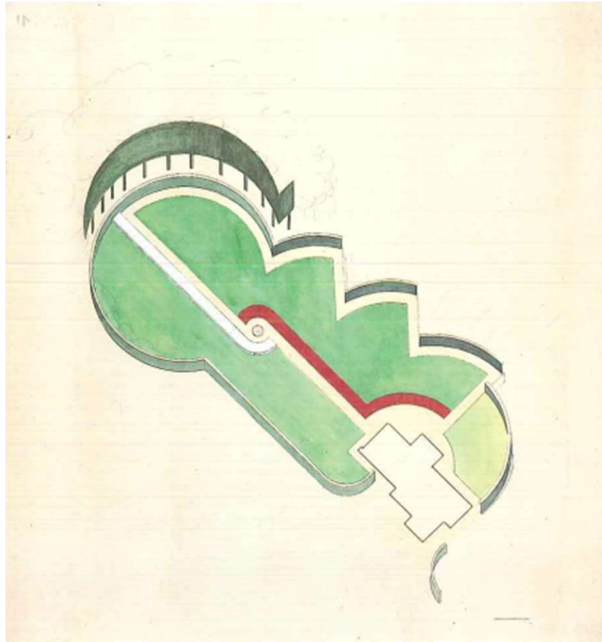


Fig. 50 - Jardim de M. J. Grimar, Jean Canneel-Claes, 1930 | fonte: AAM Editions (2014)

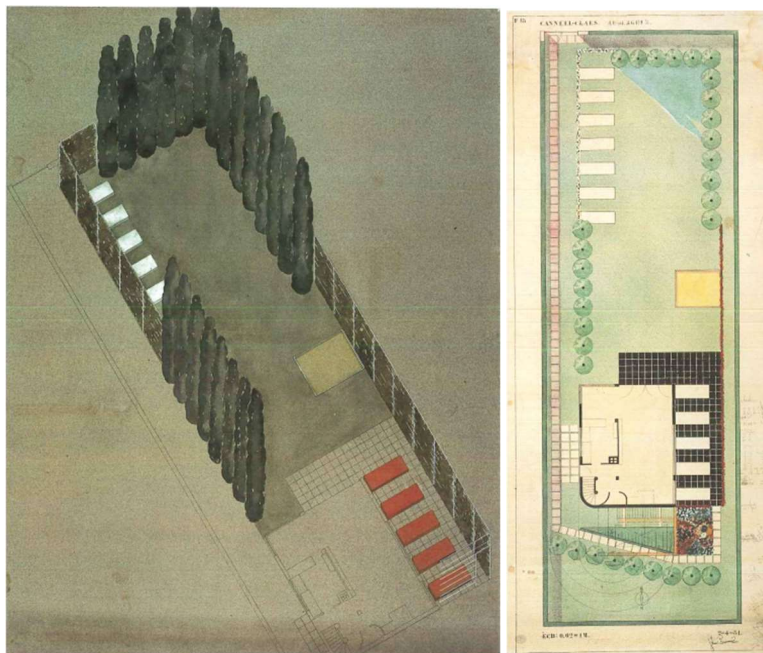


Fig. 51 – Axonometria e Plano Geral do jardim residencial de Canneel-Claes, 1931 | fonte: AAM Editions (2014)

Segundo Imbert (2007), em 1938, após a Exposição Internacional de Artes e Técnicas na Vida Moderna em Paris de 1937, Canneel e Tunnard, fundaram a *Association Internationale des Architectes de Jardins Modernistes* (Associação Internacional de Arquitetos de Jardins Modernistas), AIAJM. Aqui, redigiram um manifesto que incluía 5 objetivos onde foi definido o âmbito de uma profissão modernizada da arquitetura paisagista:

1. Estudar e divulgar o desenho racional de jardins em resposta às necessidades morais e físicas dos indivíduos e das comunidades.
2. Estudar e promover a relação entre o desenho de jardins, o urbanismo e a arquitetura.
3. Estabelecer uma colaboração direta entre urbanistas, arquitetos e arquitetos paisagistas.
4. Estudar a relação entre o desenho de jardins e a arte e o papel da ciência e da tecnologia no seu desenvolvimento.
5. Defender a causa do desenho racional de jardins em todos os países e os interesses profissionais dos paisagistas modernistas em países que não possuem tais organizações.

Este manifesto também delineava o credo da AIAJM em sete pontos fulcrais. No entanto, as versões dos panfletos em francês e inglês continham algumas divergências, o que refletia as “visões ligeiramente diferentes sobre a paisagem modernista” de Canneel e Tunnard (Imbert, 2007, p.223). Os sete pontos são os seguintes:

1. Consideramos que a arquitetura de jardins não é uma arte decorativa, mas um ramo da arquitetura, inextricavelmente ligado aos problemas da habitação e do urbanismo.
2. Consideramos que o projeto de jardins racionais deve seguir o princípio de que “a função determina a forma”. A busca pela estética e pela «forma pura» levará à harmonia e ao equilíbrio rítmico.
3. Consideramos a imitação servil da natureza como incompatível com o desenho de jardins, no entanto, defendemos o respeito pela Natureza.
4. Acreditamos que a geometria é a base do desenho de jardins. No entanto, esta não deve dominar a composição, mas sim ser modificada pelas exigências da função e pelas condições do local. Consideramos a assimetria o tipo de geometria mais adequado.
5. Consideramos que o design não pode ser dissociado do todo e deve responder ao local.

6. Uma estrutura simples e meios de expressão concisos são essenciais para alcançar um trabalho harmonioso.
7. Queremos reconectar-nos com a criação pura, que está intimamente ligada ao conhecimento específico e à experiência do projetista. Recusamos todas as imitações e interpretações de estilos passados. Somente a criação pura pode levar a um novo estilo, exigido por uma nova era. (ênfase no original)

Países Baixos

Nos Países Baixos, devido à proximidade geográfica e cultural com os restantes países analisados, também se sentiram os efeitos do modernismo na Arquitetura Paisagista. Uma das maiores projetistas de jardins do período Entreguerras foi Mien Ruys (1904-1999) que, sendo filha do dono do Viveiro Real Moerheim em Dedemsvaart, cedo acedeu a um vasto conhecimento de plantas e jardinagem. O seu pai tinha contactos com jardineiros internacionais, como Gertrude Jekyll, o que influenciou muito Ruys no desenvolvimento do seu estilo projetual, aliado ao Modernismo que emergia na época. Estes fatores levaram a que Ruys desenvolvesse, através de experiências quase laboratoriais, no viveiro do seu pai, entre 1923-1980, cerca de três mil jardins e paisagens com várias formas, plantas e materiais, que se viriam a tornar os atuais *Tuinen Mien Ruys* (Jardins de Mien Ruys). O valor da sua obra foi posteriormente consagrado através da atribuição do estatuto de Monumento Nacional a alguns dos seus jardins (Crawford, 2023, como visto em *The Flora Journal*, 2024).



Fig. 52 - O “Jardim Selvagem” na primavera, Ruys, 1924, foto de Deyan Minchev | fonte: *The Flora Journal* (2024)



Fig. 53 - Vista aérea dos jardins em Dedemsvaart, foto de Deyan Minchev | fonte: The Flora Journal (2024)

No que toca ao urbanismo, a filosofia da cidade-jardim de Ebenezer Howard em conjunto com a vertente tipicamente holandesa do ideal de bairro, deu origem a uma filosofia específica (*De stad der toekomst. De toekomst der stad* (A cidade do futuro, o futuro da cidade), 1946, como visto em Mens, 2016). Esta filosofia ganhou popularidade com a publicação de folhetos e livretos como *Wij en de Wijkgedachte* (Nós e a unidade de bairro), que explicavam que “as condições de vida dos cidadãos deveriam ser elevadas a um nível superior.” (Mens, 2016).

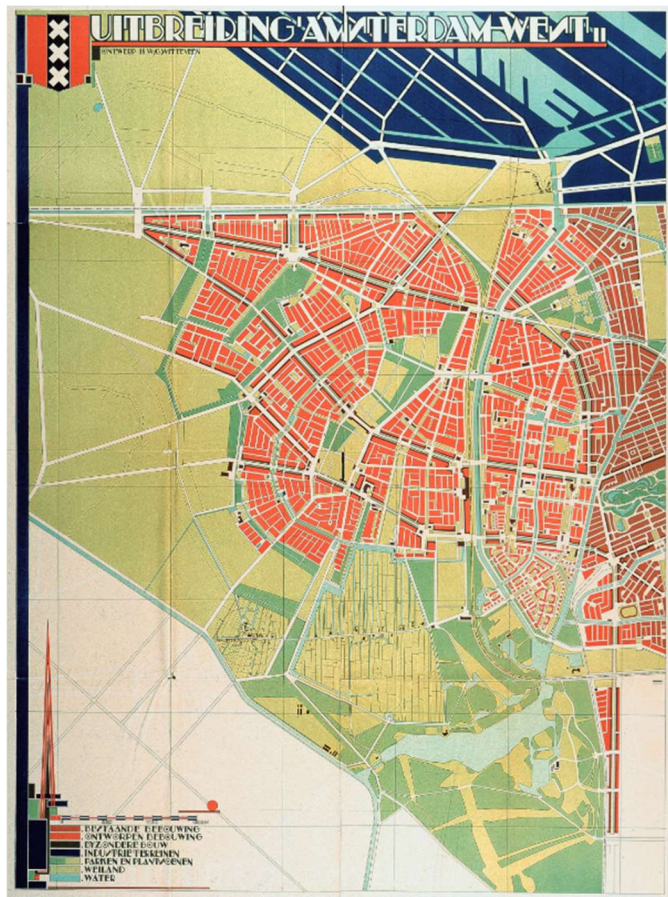


Fig. 54 - W.G. Witteveen, plano de expansão Amesterdão-Oeste, 1923-1926 | fonte: Mens (2016)

Itália

A Arquitetura Paisagista italiana tem uma tradição secular do modelo histórico *giardino all'italiana* (jardim italiano) muito enraizada na sua cultura, portanto, seria de esperar que a transição deste modelo para uma linguagem modernista iria ser demorada, como tal aconteceu em França.

É importante referir que a produção modernista italiana não foi mero mimetismo do estrangeiro, de acordo com Treib & Latini (2017), o arquiteto paisagista Pietro Porcinai (1910-1986) procurou mediar a tradição e o Modernismo. Dentro do período estudado, destaca-se o seu projeto de 1938 para os jardins da Villa Maggia, onde se observa o equilíbrio entre a tradição e o Modernismo.



Fig. 55 - Jardim da Villa Maggia, foto de Franco Panzini | fonte: associazioneporcinai.org



Fig. 56 - Jardim da Villa Maggia, foto de Franco Panzini | fonte: associazioneporcinai.org

A revista *Domus*, fundada em 1928, rapidamente se tornou numa grande vitrina cultural, servindo de plataforma de legitimação e difusão da Arquitetura Paisagista. Na primeira edição da revista, foi escrito um artigo que “lamentava a falta de interesse geral pela arquitetura de jardins” (Attlee, 2006, p.217).

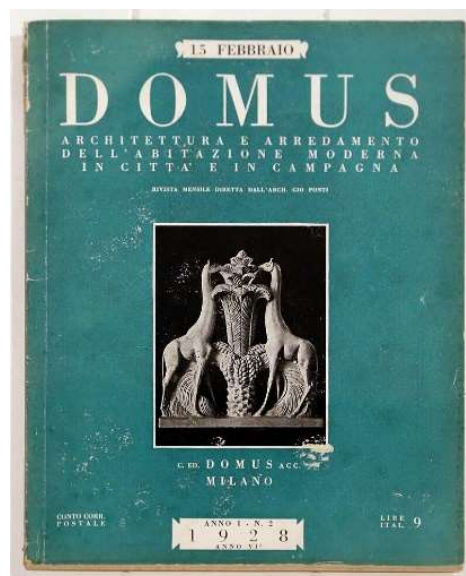


Fig. 57 - Primeira edição da revista *Domus*, 1928, Francesco Bini, 2017 | fonte: en.wikipedia.org

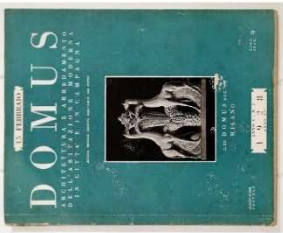
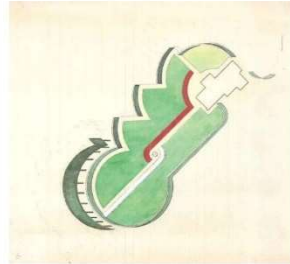
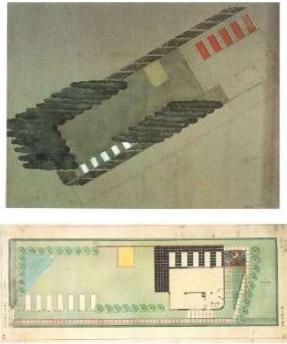
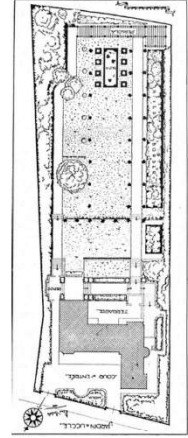
TABELA CRONOLÓGICA - OUTROS EXEMPLOS						
ANO	CATEGORIA	DESIGNAÇÃO	LOCAL	AUTOR(ES)	IMAGENS	MAIS INFO
1924	Projeto	Tuinen Mien Ruys - Jardins Mien Ruys	Dedemsvaart, NL	 Mien Ruys (1904-1999)		https://thejournal.international/2024/01/18/the-first-comprehensive-study-of-the-life-and-work-of-the-dutch-landscape-architect-mien-ruys/
1928	Publicação	Domus	Milão, IT	 Gio Ponti (1891-1979)		https://en.wikipedia.org/wiki/Domus_(magazine)
1930	Projeto	Jardim de M. J. Girmar	Genval, BE	 Jean Canneel-Claes (1909-1989)		https://www.aam-editions.com/wp-content/uploads/2014/11/Canneel-Jean.pdf
1931	Projeto	Jardim da própria casa	Bruxelas, BE	 Jean Canneel-Claes (1909-1989)		https://www.aam-editions.com/wp-content/uploads/2014/11/Canneel-Jean.pdf
1933	Publicação	Le Jardin Fonctionnel - O Jardim Funcional	BE	 Jean Canneel-Claes (1909-1989)		https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1618866716304137 https://www.landscapefirst.com/the-functional-garden-of-jean-canneel-claes/
1938	Evento	Criação da Association Internationale des Architectes de Jardins Modernistes (AIJAM) - Associação Internacional de Arquitetos de Jardins Modernistas	Paris, FR	 Jean Canneel-Claes (1909-1989) e Christopher Tunnard (1910-1979)		Imbert, D. (2007). The AIJAM: A manifesto for landscape modernity. <i>Landscape Journal</i>, 26 (2), 219-235.
1938	Projeto	Jardins da Villa Maggia	Turim, IT	 Pietro Porcinai (1910-1986)		https://associazioneporcinai.org/opere
1938	Projeto	Jardim em Uccle	Uccle, BE	 René Pechère (1908-2002)		Imbert, D. (2007). The AIJAM: A manifesto for landscape modernity. <i>Landscape Journal</i>, 26 (2), 219-235.

Tabela 7 - Cronologia com Outros Exemplos

Conclusão Final

A análise aos diferentes contextos nacionais permite evidenciar algumas semelhanças na evolução da disciplina e na adoção dos princípios modernistas, provavelmente devido ao intercâmbio de ideias, facilitado pela proximidade geográfica e cultural entre os países estudados, mesmo em períodos de guerra e crise. Muitos dos projetistas analisados estudaram ou ganharam experiência profissional fora dos seus países de origem, frequentemente procurando os principais centros culturais europeus – Alemanha, Reino Unido e França.

Apesar do ambiente social e econômico tumultuoso vivido na primeira metade do século XX, conclui-se que foi a necessidade de melhores condições de vida que impulsionaram os arquitetos paisagistas pioneiros a adotar o Modernismo, focando-se na resolução dos problemas da coexistência humana nas cidades, a crescente perda das paisagens naturais e no progressivo abandono do mundo rural.

Um ponto comum em todos os países observados é a maneira como a Arquitetura Paisagista como profissão evoluiu e entrou nos debates do Modernismo. No entanto, nos vários países estudados, os arquitetos paisagistas responderam de formas distintas (Imbert, 2009). Por exemplo, G. N. Brandt defendia um jardim introspetivo e infinito, enquanto Migge propunha um jardim produtivo e racional como solução social e urbana. Apesar de contribuírem para repensar espaços exteriores públicos e privados, os arquitetos paisagistas ficaram nas margens do discurso dominante da Arquitetura (Imbert, 2009). Porém, figuras como por exemplo, Canneel-Claes e Tunnard, tentaram afirmar a Arquitetura Paisagista como disciplina própria através do seu manifesto AIAJM. Esta cultura profissional tornou a Arquitetura Paisagista uma disciplina independente que reúne conhecimentos de várias áreas da ciência, arte e saúde. “*O Homem precisa da natureza e, se o campo genuíno está fora do seu alcance, deve ser-lhe dado um substituto.*” - Sylvia Crowe no seu livro de 1958, *Garden Design*.

Referências Bibliográficas

- AAM Editions / Archives d'Architecture Moderne. (2014). *Canneel — Jean* [PDF]. AAM Editions. <https://www.aam-editions.com/wp-content/uploads/2014/11/Canneel-Jean.pdf>
- Andersson, S.-I., & Høyer, S. (2001). C. Th. Sørensen: Landscape Modernist (A. W. Spirn, Trans.). Danish Architectural Press. 9-21
<https://annewhistonspirn.com/sharefiles/Spirn-LandscapeModernist-2001.pdf>
- Antunes, A. C. D. S. (2019). *A influência alemã na génese da Arquitetura Paisagista em Portugal* [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Faculdade de Ciências]. FCUP.
- Attlee, H. (2006). *Italian gardens: A cultural history*. London: F. Lincoln.
- Bozkurt, M. (2019). CREATING PLAY OPPORTUNITIES FOR REFUGEE CHILDREN: A discussion on advice to local authorities [Sığınmacı çocuklar için oyun imkânı sağlamak: Yerel yönetimlere tavsiyeler üzerine bir tartışma]. *Türkiye Sosyal Araştırmalar Dergisi*. <https://www.researchgate.net/publication/336486279>
- Carlos, R. A. S. S. (2013). *A Ville Verte de Le Corbusier como sistema: VV como sistema. Volume I: Introdução e Parte I* [Tese de doutoramento, Universidade do Minho]. RepositoriUM.
https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/24902/2/VV%20como%20sistema_vol%20I_Introdu%C3%A7%C3%A3o%20e%20PARTE%20I_01.pdf
- Cupers, K. (2016). Bodenständigkeit: the environmental epistemology of modernism. *The Journal of Architecture*, 21(8), 1226–1252.
<https://doi.org/10.1080/13602365.2016.1254271>
- Dietze-Schirdewahn, A. (2018) *The early period of Landscape Architecture education seen from student works (1900-1960)*. Norwegian University of Life Sciences.
<https://www.nmbu.no/en/research/early-period-landscape-architecture-education-seen-student-works-1900-1960>
- Dietze-Schirdewahn, A. (2024) *Torborg Zimmer Frölich*. Norwegian University of Life Sciences. <https://www.nmbu.no/en/research/torborg-zimmer-frolich>
- Dismal Garden. (2005). *Homerton Playscape – Multiple Struggle Niche*.
<https://www.dismalgarden.com/projects/homerton-playscape-multiple-struggle-niche>

Gao, L., & Dietze-Schirdewahn, A. (2025, janeiro). *National Profile: Norway*. MERL Reading. <https://merl.reading.ac.uk/wp-content/uploads/sites/10/2025/01/9.-National-Profile-Norway.pdf>

Giraudoux, J. (1939) *Pleins Pouvoirs* [PDF]. *Pleins Pouvoirs*. <https://www.redalyc.org/pdf/808/80812554007.pdf>

Goto, F. (2023). *Das Weimarer Bauhaus und die Gartenkunst: Ein Reformversuch von Heinz Wichmann*. *Aesthetics*, (27), 26–41. Keio Universität, Tokyo.

Haney, D. H. (2007). Leberecht Migge’s “Green Manifesto”: Envisioning a Revolution of Gardens. *Landscape Journal*, 26(2), 201–218.

Hauxner, M. (2007). Fingerplanen som landskabskunst (Emnegruppe Byudvikling, Bladnr. 3.0-6). København Universitet. https://cms.ku.dk/upload/application/pdf/36/d9/36d9b94c/03.00-06b_3_0_6_07.pdf.pdf

Hopstock, L. (2015). Building landscapes to live in: Hermann Mattern (1902–1971) (Vol. II, Ilustrações) [Tese de doutoramento, University of Sheffield]. CORE. <https://core.ac.uk/download/pdf/231840915.pdf>

Hopstock, L. (2017). ‘Beauty is more than beauty’: Examining Karl Foerster’s position in German garden culture. *Journal of Landscape Architecture*, 12(2), 6–17. <https://doi.org/10.1080/18626033.2017.1361067>

Hopstock, L. (2022). *The garden as Raumkunstwerk: the role of early 20th-century architecture schools for the modernisation of landscape architecture education*. *Projets de paysage*, Hors-série. <https://doi.org/10.4000/paysage.27504>

Imbert, D. (2007). The AIAJM: A manifesto for landscape modernity. *Landscape Journal*, 26(2), 219–235.

Imbert, D. (2009). *The landscape of modernity*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press.

Imbert, D. (2020). Green Vichy: Landscapers between technique and terroir. In J.-L. Cohen (ed.), *Architecture and urban planning in Vichy France* (1-). Collège de France. <https://doi.org/10.4000/books.cdf.8973>

Institut für Landschaft und Urbanismus. (2023). *The Green Manifesto: Leberecht Migge and the Return to the Land – FS23 Student Project*. ETH Zürich. <https://www.topalovic.arch.ethz.ch/Courses/Student-Projects/FS23-The-Green-Manifesto-Leberecht-Migge-And-The-Return-To-The-Land>

- Jacques, D., & Woudstra, J. (2009). *Landscape Modernism Renounced: The Career of Christopher Tunnard (1910–1979)*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203514047>
- Jardin Secrets. (n.d.). *Georges Truffaut: Biographie*. <https://jardin-secrets.com/georges-truffaut.html>
- Jørgensen, K. (2018). Park politics in Oslo 1920–1940: Implementation and reception. *SPOOL*, 3(2), 55–62. <https://doi.org/10.7480/spool.2018.2.3302>
- Lund, A. (2023). *Erna Sonne Friis*. In *Dansk Kvindebiografisk Leksikon*. lex.dk. [https://kvindebiografiskeleksikon.lex.dk/Erna Sonne Friis](https://kvindebiografiskeleksikon.lex.dk/Erna_Sonne_Friis)
- Marabouparken Konsthall. (n.d.). *Marabouparken – Art and Sculpture Garden in Sundbyberg*. Retrieved August 23, 2025, from <https://www.stockholmmuseum.com/museums/art-and-design/marabouparken.htm>
- Marques, T. D. P. (2009). *Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitectura paisagista em Portugal* [Tese de doutoramento, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia].
- Mawson, T. H. (1926). *The art and craft of garden making* (5th ed.). London: B. T. Batsford. <https://archive.org/details/artcraftofgarden00maws/page/96/mode/2up>
- Mens, E. H. M. (2016). The implementation of the neighbourhood unit concept in the Western Garden Cities in Amsterdam in the early post-war period. In C. Hein (Ed.), *History Urbanism Resilience. International Planning History Society Proceedings: Ideas on the Move and Modernisation* (Vol. 17, No. 1, pp. V.01 P.157-V.01 P.169). TU Delft Open. <https://doi.org/10.7480/iphs.2016.1.1200>
- Museum of English Rural Life. (n.d.). *Brenda Colvin: A Life in Landscape (collection overview)*. University of Reading. <https://merl.reading.ac.uk/collections/brenda-colvin/>
- Nicolaisen, Å. (2011). *Georg Georgsen*. In *Dansk Biografisk Leksikon*. lex.dk. [https://biografiskeleksikon.lex.dk/Georg Georgsen](https://biografiskeleksikon.lex.dk/Georg_Georgsen)
- Nolin, C. (1999). *Till stadsbornas nytta och förlustande: Den offentliga parken i Sverige under 1800-talet*. Byggförlaget. <https://su.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2%3A302506>
- Nolin, C. (2006). *Garden designers in Sweden in the first half of the 20th century: Towards a professional identity* [Research project summary]. <https://www.rj.se/en/grants/2006/garden-designers-in-sweden-in-the-first-half-of-the-20th-century.-towards-a-professional-identity>

- Nolin, C. (2015). *International training and national ambitions: Female landscape architects in Sweden, 1900–1950*. In S. Dümpelmann & J. Beardsley (Eds.), *Women, modernity, and landscape architecture* (pp. 39–56). Taylor & Francis. https://www.google.pt/books/edition/Women_Modernity_and_Landscape_Architectu/drWgBgAAQBAJ?hl=es&qbpv=0
- Nolin, C. (2016) *From Gardening Manuals to Signum's Swedish Art History. Approaches to the Historiography of Swedish Landscape Architecture*, *Konsthistorisk tidskrift/Journal of Art History*, 85:1, 126-140, DOI: 10.1080/00233609.2015.1131737
- Nolin, C. (2018). *Svenskt kvinnobiografiskt lexikon*. [Swedish Women's Biographical Dictionary] www.skbl.se/sv/artikel/IngerWedborn; www.skbl.se/sv/artikel/HelfridLofquist; www.skbl.se/sv/artikel/RuthBrandberg
- Nolin, C. (2020). *Networking and Collaborating: Notes on Swedish Women Landscape Architects 1935–1970*. In C. Pech & M. Andersson (Eds.), *ArkDes Research Symposium on Architectural History 2018*. Stockholm: ArkDes. (pp 166-183) <https://kth.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2%3A1566018&dswid=-4261>
- Nolin, C. (2024). *The landscape architect Ruth Brandberg in Pompeii*. In S. Riesto & H. Steiner (Eds.), *Women in Scandinavian Landscape Architecture: Building Collaborative and Transnational Feminist Histories* (pp. 301–303). Berlin: Walter de Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783111117522-044>
- Paquot, T. (2004). *Ville et nature, un rendez-vous manque?* *Diogène*, 207(3), 83-94. <https://doi.org/10.3917/dio.207.0083>.
- Rørsen, B. (2023). *Idékonkurransen om gode bondehager 1936–39: Hagekunst i bevægelse fra elitekultur til folkekultur*. *Kunst og Kultur*, 106(1–2), 6–24. <https://doi.org/10.18261/kk.106.1.2>
- Seelow, A. M. (2016). *Reconstructing the Stockholm Exhibition 1930: Stockholmsutställningen 1930 rekonstruerad*. Arkitektur Förlag. https://www.researchgate.net/publication/306356159_Reconstructing_the_Swedish_Exhibition_1930_Stockholmsutställningen_1930_rekonstruerad
- Sørensen, C. Th. (1939). *Om haver*. København: Hagerup.
- Stephensen, L. S., & Lund, A. (2025) *G. N. Brandt*. In *Lex*. [lex.dk. https://lex.dk/GN_Brandt](https://lex.dk/GN_Brandt)

The Flora Journal. (2024, January 18). *The first comprehensive study of the life and work of the Dutch landscape architect Mien Ruys*. <https://theflorajournal.international/2024/01/18/the-first-comprehensive-study-of-the-life-and-work-of-the-dutch-landscape-architect-mien-ruys/>

Tonini, F. (2013). *Tachard Garden – La Celle-Saint-Cloud, Paris, France*. Oldgardens. <https://oldgardens.wordpress.com/2013/01/08/tachard-garden-la-celle-saint-cloud-paris-france/>

Treib, M. (1993). Axioms for a modern landscape architecture. *Places*, 8(3), 34–43.

Treib, M., & Latini, L. (2017). *Pietro Porcinai and the Landscape of Modern Italy* (preview). Taylor & Francis. https://api.pageplace.de/preview/DT0400.9781317080954_A29971494/preview-9781317080954_A29971494.pdf

Turner, T. (1998). *Geoffrey Alan Jellicoe and the subconscious in landscape design*. Landscape Design Trust. Adapted version. https://www.gardenvisit.com/history_theory/garden_landscape_design_articles/designers/geoffrey_alan_jellicoe_subconscious

Vierle, C. (1998). *Camillo Schneider – Kapitel 8: 1920–1932: Neuanfang in Berlin*. In J. Kückler (Ed.), *Materialien zur Geschichte der Gartenkunst* (Band 4). Technische Universität Berlin. <https://www.paeon.de/h1/schneider/vierle/08.html>

Viraben, H. (2020). Autochromes and gardens of the Établissements Georges Truffaut (1911–1939): two creative leisure activities for a double visual communication device. *Intermediality / Intermediality*, (35). <https://doi.org/10.7202/1076373ar>

Wang, T., Li, J., Ding, Y., Ming, X., & Yu, X. (2018). *Landscape language of modern Swedish landscape architects*. In 4th International Conference on Arts, Design and Contemporary Education (ICADCE 2018) (pp. 193–197). Atlantis Press. <https://doi.org/10.2991/icadce-18.2018.42>

Wikipedia contributors. (n.d.). *Jean Claude Nicolas Forestier*. In *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. https://fr.wikipedia.org/wiki/Jean_Claude_Nicolas_Forestier#cite_note-5

Wolschke-Bulmahn, J., Müller, U., & Fibich, P. (2006). *Gartenarchitektur und Moderne in Deutschland im frühen 20. Jahrhundert – Drei Beiträge*. Hannover: Zentrum für Gartenkunst und Landschaftsarchitektur (CGL), Universität Hannover.

Wooldridge, C. (2015). *Discovering the Landscape #17: Sylvia Crowe*. Museum of English Rural Life, University of Reading.
<https://merl.reading.ac.uk/blog/2015/07/discovering-the-landscape-17-sylvia-crowe/>